

PAPO DE GALO

Número 1
05/junho/2020

RESISTÊNCIA
A DEMOCRACIA AINDA PULSA

PAPO DE GALO _ revista

A **Papo de Galo _ revista** é escrita por **Gabriel Galo**. Nesta primeira edição –ainda aguardamos confirmação da gerência para próximas –, ele também diagrama, pesquisa, revisa, administra e o que mais precisar. Então, deixa parar eu me referir a mim mesmo na terceira pessoa, porque isso é estranho demais.

Eu sou baiano de Salvador, torcedor do Vitória, formado em Administração pela FEA/USP, empresário semi-falido e escritor. Isso cronologicamente falando. Escrevo coisas demais, sobre assuntos demais.

Lancei, em outubro de 2018, o livro “Futebol é uma Matrioska de surpresas: contos e crônicas da Copa 2018”, contendo textos meus no Correio da Bahia e no Huffpost Brasil, além de alguns inéditos. Tem na [Amazon](#), e minha mãe falou que é bom.

Sou colunista do Correio da Bahia, do programa Futebol S/A da Rádio Sociedade da Bahia, do Arena Rubro-Negra. E tô aí correndo atrás de novidade pra quitar o boleto de amanhã.

Escrevo porque não tenho opção. Porque, por mais que tenha tentado outros caminhos, contar histórias é o que me faz acordar todos os dias com vontade de trabalhar. E, por Deus, como dá trabalho...

Ainda há muito mais por vir. Esta revista é só mais um passo rumo a sei lá o quê – o que importa, estou seguro, é a jornada, não existe isso de linha de chegada. E faço um convite a você, estendendo a mão: vamos juntos?

Caso queira apoiar meu trabalho, a campanha no **Apoia.se** está no ar.

Ah! Eu sempre quero ouvir suas histórias. Quer conversar, propor pauta, criticar, o que for? Fale comigo!

facebook.com/souogalo

instagram.com/souogalo

Email: gabriel@papodegalo.com.br

Abraço!



Para **GEORGE FLOYD** e todos
os negros que saltam no
abismo obscuro e incerto da
sobrevivência diária.

Por GABRIEL GALO

O conteúdo desta revista é 100% autoral.
Proibido reproduzir sem autorização expressa do autor.
© Papo de Galo. Todos os direitos reservados.

São Paulo, 05 de junho de 2020

REDES SOCIAIS



@souogalo
@canalpapodegalo



@souogalo
@canalpapodegalo



@gpgalo



gabriel@papodegalo.com.br



NAVEGUE

_ EDITORIAL

6, Fazendo o possível

_ AS RUAS PULSAM

8, A violência como alternativa intragável

11, Manifestação é mesmo democracia?

17, Quando a vergonha supera o medo

20, Quem, senão as torcidas organizadas?

22, Quem controla a rua, controla a pressão pública

25, O embate entre inimigo difuso e inimigo concreto

32, A lição francesa

36, 30 mil: missão cumprida e dobrando a meta

38, O incrível caso do interino oficial

40, #blackouttuesday

42, Agora pode?

_ EU AVISEI...

47, Debater política é baixar o tom de voz

52, Com quantas ameaças se desfaz uma democracia?

55, Por dentro da cambaleante democracia

_ ENTREVISTA

59, Flávio Dino

63, Fernando Guimarães

_ FUTEBOL

68, O perigo de voltar agora

73, Quando nem a tragédia serve como lição

_ CONTOS E CRÔNICAS

77, A rede social do eu sozinho

80, Conto da aniquilação

_EDITORIAL

FAZENDO O POSSÍVEL

Sim, o mundo é racista.

Não precisa de muito para atestar a **obviedade** da frase. Além do óbvio está a questão de **posicionamento individual**: o que eu estou fazendo para reduzir o racismo na sociedade em que estou inserido?



Angela Davis, filósofa e emblemática ativista pelos direitos civis dos negros americanos, diz que não basta não ser racista, é necessário ser **antirracista**.

Romper a barreira da cultura estabelecida exige esforço coletivo. Há de abrir mão do monopólio dos privilégios.

Recentemente estive em almoço com um grande amigo numa grande **empresa de tecnologia**. O evidente **ambiente descontraído** escondia uma **inclusão** ainda **pendente**. Apesar das paredes coloridas e das inúmeras mensagens **progressistas** e de “**estamos fazendo um mundo melhor**”, faltava um grupo no emaranhado de orientais, tatuagens, LGBTQI+, mulheres que se juntavam ao homem branco, quase todos vestidos em roupas descoladas, meio geek, à vontade: o **negro**.

No grande refeitório de mesas comunitárias, apenas 3, dentre a centena naquele instante. Todos com camiseta de fornecedor, funcionários da cozinha, que fazem a pausa junto com todos. Decerto, **inclusão não é isso**.

Comentei com este amigo que a diferença entre aquela empresa pretensamente progressista e o banco de investimento todo-branco com quem dividiam prédio era,

tão somente, a roupa que usavam. Ele concordou e, então, me confidenciou alguns percalços dentro do processo seletivo que evidenciam o **racismo estrutural** – e, infelizmente, **escancarado** de alguns. Senti vergonha.

Porque eu, como este mesmo amigo já frisou, sou o **estereótipo dos privilégios**. Fato: o sistema atua a meu favor, sem precisar de muito esforço. É hora, então, de atender ao chamado de **Angela Davis**.

Aviso: ciente do terreno pantanoso da atribuição de regras à individualidade alheia, comento apenas do que **posso, ouço, vejo, entendo** e que **aplico** na meu dia-a-dia.

Assim, **busco compreender a angústia** e a **raiva**, naturais, válidas, justificadas, diante da **atrocidade** do **segregacionismo**.

Revi minha visão sobre **cotas**. Reverter parte do problema significa **amplificar a convivência** em qualquer ambiente, em especial naqueles historicamente brancos.

Na **política**, ambiente no qual tenho trafegado cada vez mais, coloquei como **premissa** de atuação a **abordagem** de temas **socialmente amplos** e de favorecimento e **amparo** aos mais **necessitados**. Mais do que isso: tenho como objetivo **facilitar** o caminho para que os excluídos se insiram no **debate público**.

No meu círculo de **amizades**, procuro conversar no **privado** sobre **questões** que considero **pertinentes**, vigiando-me para **jamais** apontar o dedo em **acusação**.

Sobretudo, luto arduamente para entender qual o meu papel nisso tudo, com **cuidado** extra para não buscar **protagonismo** numa causa **sem lugar de fala**. Por isso essa primeira revista analisa mais as **ruas** do ponto de vista **político-sociológico** que ao do movimento negro por visibilidade e respeito.

É **pouco**, não é **suficiente**, mas é o **possível**.

8

Manifestante chuta bomba de efeito moral durante confronto na Avenida Paulista, no dia 31 de maio de 2020.
Foto: Nelson Almeida | Getty Images

A VIOLÊNCIA COMO ALTERNATIVA INTRAGÁVEL



Este domingo que fechou o mês de maio do ano de 2020 deve representar uma **virada definitiva** no entrelace narrativo da política nacional. Chega-se, provavelmente, ao **ponto inevitável de ruptura** da possibilidade de entendimento, consequência alardeada há tempos e ignorada por muitos em nome de uma pretensa força das instituições.

Quando **manifestantes** pró e contra um governo per e controverso **se chocaram**, principalmente nas ruas de São Paulo e do Rio de Janeiro, viu-se o encontro de **forças** que não apenas não vão recuar, mas que ocupam as **ruas**, território primordial para **controle** das mensagens políticas, com **sede de sangue**.

A **sucessão de crises** acirra os ânimos. Aos impactos **sanitário** e **econômico** de uma pandemia agressiva e mortífera, adicionaram-se crises **política**, **judiciária**, **civilizatória** e, por que não?, **estética**. A patética cavalgada galopante em *dog whistles* que flertam com regimes extremistas do começo do século XX desnorteia os sentidos.

Estamos todos desorientados, conduzidos à cegueira. Na **impossibilidade de visão** qualquer, Saramago como testemunha, o **caos é regra**.

Enterrou-se o raciocínio. O diálogo travado, destruído no estampido do tiro de bala de borracha e das bombas de efeito moral, é **resultado da construção incansável da guinada incivilizada**. De uma gente que faz da grita sua tática única, porque são ausentes de profundidade.

Abusam de **frases feitas**, vazias de sentido efetivo e que **chamam a horda** ignara para perto, que substituíram as palavras de compreensão

que pincelam temas complexos, reduzindo o debate a um infame **duelo de ofensas**.

Quem tropeça na própria incompetência, arrumando **inimigos constantes para justificar seus malfeitos**, por fim, encontra o embate que sempre desejou. Obtém-se, assim, a materialização das ameaças que fazia, incitando a batalha inevitável. Acrescentar poder a ignorantes com iniciativa é a receita ideal para o colapso.

O desconforto vem pela incerteza: o quanto ainda veremos ruir a democracia? Quanto mais sangue será visto jorrar? O quanto erramos para que a violência se tornasse ferramenta necessária de combate ao autoritarismo?

A **coesão** de um lado, debaixo do manto supremo do **líder inconteste**, é confrontada pela **incoerência** evidente e natural de quem está contra o braço da tirania. Enquanto o lado uniforme lida contra paranoias que só existem em suas mentes, como globalismo e o comunismo, levada a cabo pelas tais instituições, o outro tem um nome para apontar o dedo.

Esta diferença é fundamental. Enquanto um opera no **difuso**, e com isso se esconde na neblina que democraticamente pede o fim da democracia, o outro tem **alvo específico**, alimentando a profecia autorrealizável do primeiro de se dizer e ser contra tudo e contra todos.



Manifestante durante confronto com a polícia na Avenida Paulista, no dia 31 de maio de 2020.
Foto: Rahel Petrasso | Reuters

Não se discute mais **projeto de país**, de nação. A esta altura, buscar uma **saída construtiva** é desatar um **nó** enquanto os lados puxam o cabo de guerra, apertando-o ainda mais. Mesmo assim, faz-se urgente **fortalecer as instituições**. Faz-se urgente **diminuir o volume** do tom de voz, para se **restabelecer a racionalidade**.

Mas quando se chega ao ponto em que talvez a única forma de empurrar o obscurantismo para o esgoto de onde nunca deveria ter saído é pela via intragável da violência, a batalha está perdida. Mas ainda não a guerra. E o desconforto vem pela incerteza: o quanto ainda veremos ruir a democracia? Quanto sangue mais será visto jorrar?

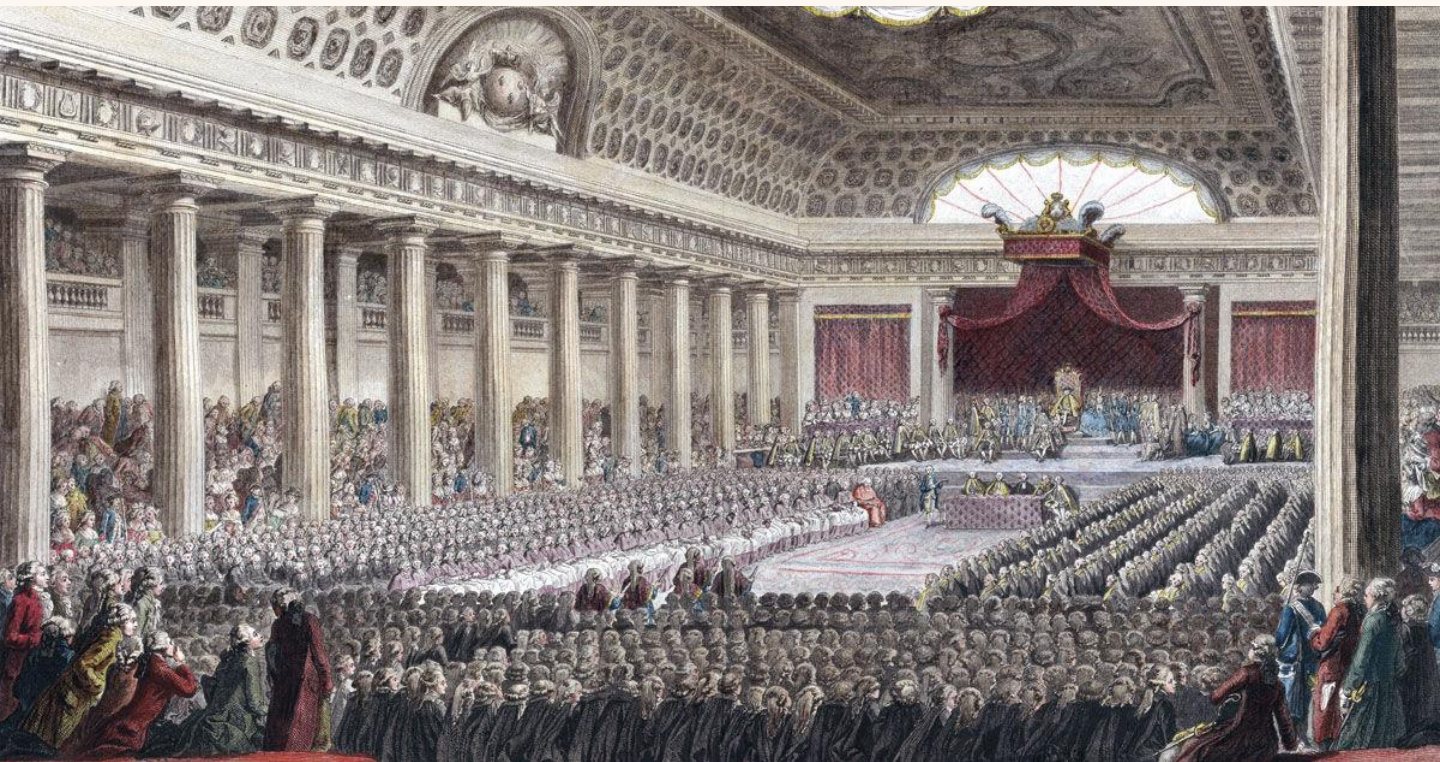
11

No Rio de Janeiro, manifestantes levantaram bandeiras antifascistas e contra o racismo.
Foto: AFP

**MANIFESTAÇÃO
É MESMO
DEMOCRACIA?**

É impossível não associar manifestações políticas à esquerda. Para entender os motivos pelos quais isso ocorre, é necessário voltar às origens dos termos direita e esquerda.

Quando a **Revolução Francesa** tirou a dinastia de Bourbon do poder, em 1789, logo foi convocada assembleia constituinte – que durou até 1791– para que os ideais iluministas de liberdade, igualdade e fraternidade estivessem espelhados na carta maior das leis do país.



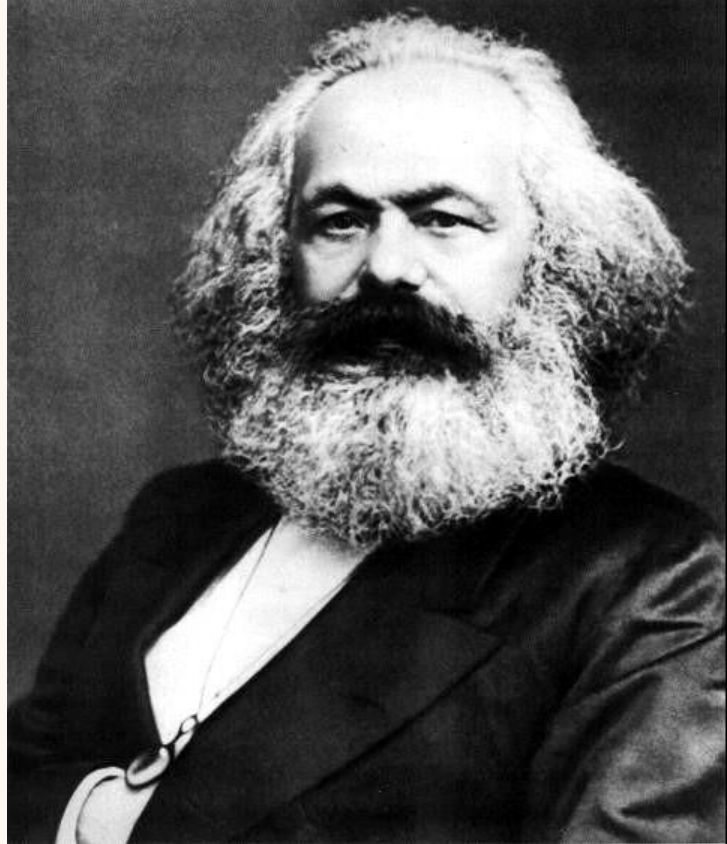
A abertura dos Estados Gerais em Versalhes, 5 de maio de 1789, gravura de Isidore-Stanislas Helman (1743-1806) sobre desenho de Charles Monnet (1732-1808).
Isidore-Stanislas Helman / Biblioteca Nacional da França / Wikimedia Commons

A organização do parlamento seguiu uma estrutura simples. Os representantes da aristocracia, aliados da monarquia deposta, se sentavam à direita do orador, enquanto os *comuns* se sentavam à esquerda. Portanto, à esquerda ficavam aqueles que atentavam contra a normalidade do poder instituído. Os que se uniam em protestos. Os baderneiros.

O conceito de esquerda e direita, desde então, evoluiu, mas a raiz pretensa e extremamente redutora de mantenedores da aristocracia x defensores do povo, permaneceu, embora tenha adquirido complexidades que fazem a simplificação ruir, especialmente com o populismo usado para justificar arroubos autoritários.

Foi construído por séculos, portanto, que os anseios do povo comprometiam a regularidade dos donos do poder. A réplica se baseava, como ainda hoje, na economia. Prejudicar os empresários

empregadores e os negócios significava a derrocada social, a fome, a miséria, tudo pela falta de emprego. Anos mais tarde, o economista e filósofo alemão **Karl Marx** criou o conceito da Mais-Valia, e colocou o poder nas mãos dos trabalhadores.



Os motivos de manifestações são quase sempre demandas populares com propósito específico que doem no dia-a-dia da população. Negociação salarial. Melhoria de sistema público. Violência. Racismo. A lista é longa.

Como resposta ao seu atributo subversivo, tomar as ruas significa abrir mão da integridade física individual para oferecer o clamor imagético quando todas as outras opções se esgotaram.

Apenas recentemente, solidificou-se no Brasil o estranho conceito de manifestações a favor. Isto é: gente que vai às ruas para demonstrar seu apoio ao líder eleito e diplomado. Nesta versão surreal de manifestação, fulanizou-se as pautas difusas que caracterizaram as manifestações conservadoras, como a **Marcha da família com Deus pela liberdade** de 1964, que carimbou o golpe militar.



As variáveis que montam a equação das manifestações são muitas e tem pesos e relevâncias distintas em cada local. Neles, no entanto, uma certa **cadeia de eventos** é verificada.

A **primeira etapa** é procurar **solução** em **articulação direta** com alguém dentro do alcance que possa ajudar a resolver o problema. É quando, por exemplo, um morador tenta conversar com o vereador sobre um problema da sua rua, ou até mesmo quando um vizinho conversa com o outro sobre barulho fora de hora. Um acordo que apele para o bom senso.

Mas nem sempre esta via funciona. E as coisas vão **escalando**. Até, por fim, tomarem **contorno violento**. A **tomada pública** das ruas é a demonstração incontestada de **insatisfação coletiva**.

A **violência como recurso**, portanto, é alternativa quando todas as outras não apenas falharam, mas o **ressentimento** e a **raiva** acumulados são **extravasados** para que não se mergulhe na **insanidade**. É a última **arma de resistência** à **opressão** velada ou estrutural, de **combate ao abuso**.

Em que momento, então, a uma **gota d'água** transborda o copo? Impossível dizer ou prever o instante, mas é perfeitamente possível compreender se uma **construção social** caminha para o caos. E um dos principais fatores de catalisação do caos é a **repressão das manifestações**.

Coibir protestos significar impor um **controle massificado** que não aceita questionamento. É uma ação de **subserviência** servida goela abaixo pela dor da **censura** de opinião, expressada tão veementemente pelos cassetetes, balas de borracha, bombas de efeito moral e prisões arbitrárias.

Do ponto de vista **pragmático**, inclusive, permitir manifestações é acalmar os potenciais incrementos de insatisfação que podem se tornar revoltas – e aí, simulacros de guerra civil são realidade, vide 2013. Manifestação é, portanto, meio de expressão de **manutenção da democracia**.

Golpistas não são as manifestações em si. Golpistas são as intenções golpistas, que podem ser materializadas também em manifestações.



Protestar é parte primordial à democracia. Em artigo de 2017 para o [Global Policy Journal](#), o filósofo e professor Richard J. Norman elencou 6 razões que, para ele, fazem com que precisemos proteger e exercitar o direito de protestar.

1

AS PESSOAS SE DÃO CONTA DE QUE NÃO ESTÃO SOZINHAS

Um dos meios usados pelo *establishment* para manter seu poder é criando um discurso dominante no qual as visões de dissidentes são excluídas.

2

AO PROTESTAR, ALTERA-SE A AGENDA E SE INICIA UM DEBATE

Os que estão no poder podem nos ignorar, mas se houver manifestantes suficientes, eles precisarão de mais argumentos para justificar. É quando o debate começa e pauta o poder.

3

EM DEMOCRACIAS, PROTESTAR É UMA VOZ ESSENCIAL PARA MINORIAS

Teóricos clássicos de governos representativos reconhecem que o voto universal ameaça que se imponha a “tirania da maioria”, retirando direitos das minorias.

4

ÀS VEZES CONSEGUIMOS GANHAR!

Se há gente o suficiente nas ruas, manter certas políticas públicas se torna inviável. A pressão pública é efetiva.

5

ÀS VEZES, GANHA-SE DE MANEIRAS NÃO PLANEJADAS

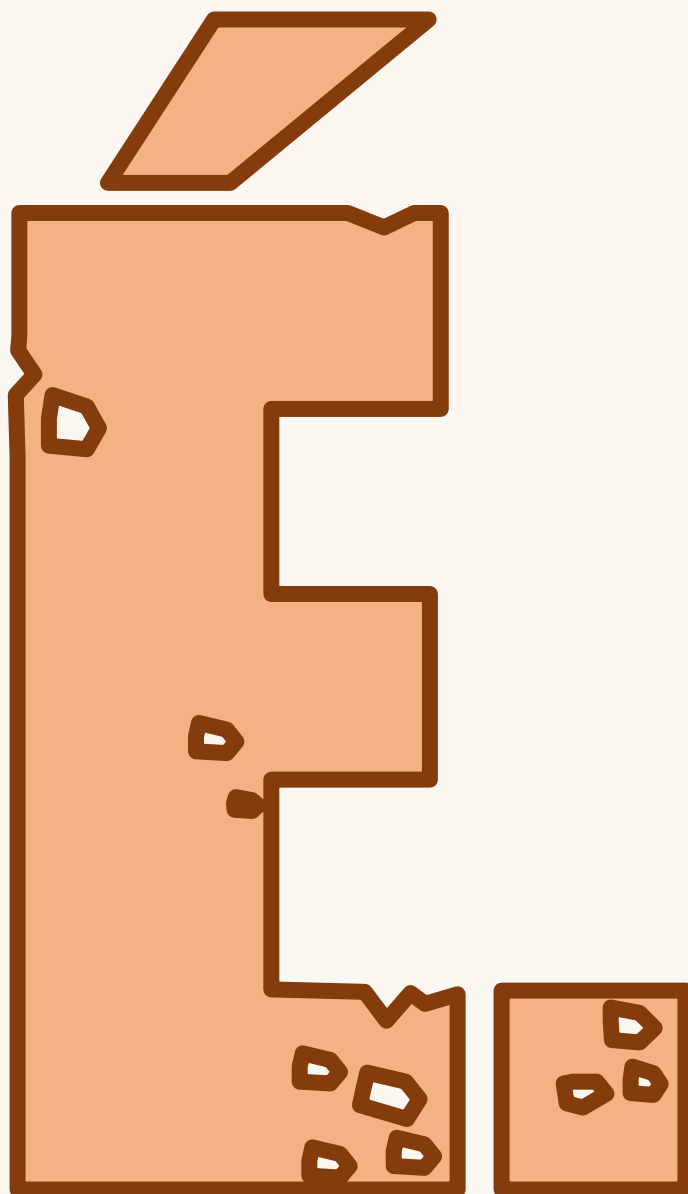
Eventos políticos são imprevisíveis. As consequências de um protesto podem extrapolar o motivo da manifestação, alcançando vitórias em temas não relacionados ou vistos.

6

ÀS VEZES, GANHAMOS, MAS DEMORA UMA GERAÇÃO OU MAIS

Às vezes parece que não se vai a lugar algum, que a mente daqueles no poder não vai mudar. Mas protestar cria nova realidade e alimenta uma nova geração que implementa a mudança.


Portanto, se alguém um dia perguntar se uma manifestação é mesmo democrática, só há uma resposta intrinsecamente possível:



No Rio de Janeiro, manifestantes levantaram bandeiras antifascistas e contra o racismo.
Foto: AFP

17

Oficial da Força Tática da Polícia Militar na Avenida Paulista,
em 31 de maio de 2020
Foto: Pam Santos | Fotos Públicas



**QUANDO A
VERGONHA
SUPERA O MEDO**

Em 2013, as manifestações de meio de ano foram adquirindo caráter continuamente mais agressivo. A desproporcional e absurda repressão da **Polícia Militar de São Paulo** contra os manifestantes do **Movimento Passe Livre** ferveu o sangue da população, que tomou as ruas em tréplica acintosa.

Enquanto a violência era alimentava, os protestos ganhavam as ruas de outras cidades, como o **Rio de Janeiro**, e os *black blocs* – manifestantes vestidos de preto e encapuzados que depredavam e saqueavam estabelecimentos– causavam apreensão, era necessário um fechamento penal, qualquer que fosse, para justificar a maciça atuação da PM. **Era preciso condenar alguém.**



Rafael Braga Vieira saiu de casa em **20 de junho de 2013** em direção à Avenida Presidente Vargas, no centro do Rio de Janeiro. Durante esse protesto, Rafael Braga entrou com uma mochila numa loja abandonada cuja porta havia sido arrombada duas semanas antes, em

frente à Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente (DPCA). De lá saiu com duas garrafas, de cloro e desinfetante.

Rafael foi, então, abordado por 2 policiais civis, que o prenderam em flagrante. Acusação? Não importava. A polícia precisava de um bode expiatório.

Num processo que se tornou emblemático de **desrespeito** ao devido **processo penal**, **provas forjadas** e claro **abuso de autoridade**, Rafael era o nome perfeito. Pobre, com passagem e condenado previamente, e em liberdade condicional no momento da nova prisão, Rafael era o rosto invisível que a narrativa carecia para passar a mensagem de que criminosos estavam se aproveitando das manifestações.

O caso ganhou as manchetes do Brasil inteiro, atraindo atenção da mídia, de instituições direitos humanos e escritórios de advocacia. Inacreditavelmente, Rafael foi conde-

nado a **4 anos e 8 meses** de reclusão. Por ter em suas mãos duas garrafas de cloro e de desinfetante.

Solto por bom comportamento, em **2017** foi **preso novamente** por tráfico de drogas, mesmo crime pelo qual já havia sido condenado anteriormente. Portando irrisórios **0,6g de maconha**, Rafael alegou perseguição policial e mais abusos de autoridade, devidamente evidenciados em mais um processo fraudulento. **Rafael Braga precisava, aos olhos da polícia carioca, continuar preso, custasse o que custasse.**

O caso Rafael Braga resume, no extremo, o ciclo do medo que envolve sair às ruas em protesto. Participar ativamente de manifestações significa arriscar a própria integridade física, jurídica, laboral, financeira e social. São riscos demais, que normalmente evitam que se formem grandes aglomerações.

A relação que leva as pessoas às ruas é quando a vergonha por um determinado assunto supera o medo inerente ao ato de protestar.

As manifestações de 2013 ganharam muito mais poder depois da trapalhada resposta da Polícia Militar paulista. Quem acompanhou as notícias daquele dia, sentiu borbulhar a vontade de protestar. Foi necessário muita vergonha para assumir este risco.

Nos EUA, ocorre situação semelhante. A morte cruel de George Floyd, registrada de múltiplos ângulos, despertou o sentimento de protesto pelo racismo inaceitável, capaz até mesmo de superar a ameaça da ação militar contra o próprio povo.

No Brasil, que conta com uma polícia violenta e persecutória, protestar contra o sistema é ato sobretudo heroico.



Oficiais da Força
Tática da Polícia
Militar na Avenida
Paulista, em 31 de
maio de 2020.
Foto: Pam Santos |
Fotos Públicas

20

Gaviões da Fiel, torcida organizada do Corinthians, chega à Avenida Paulista com faixa "Somos pela democracia" para manifestação de 31 de maio de 2020.

Foto: Roberto Casimiro | Estadão Conteúdo



**QUEM, SENÃO AS
TORCIDAS
ORGANIZADAS?**

Há algumas semanas, uma manifestação de apoiadores do presidente Bolsonaro na Avenida Paulista foi encerrada precocemente. O motivo para a retirada foi a chegada da torcida organizada **Gaviões da Fiel**, do **Corinthians**, entoando cânticos em defesa da democracia e frases de ordem.

Esta postura enfática da torcida causou estranhamento em muita gente. Logo foram apontadas as incongruências das **torcidas organizadas**, levantando problemas passados, como brigas entre torcidas e até mesmo a morte do garoto **Kevin Espada**, vítima de um morteiro disparado em jogo na Bolívia, para tentar **deslegitimar a ação**, como é de praxe dos agente protetores do regime de Bolsonaro.

Pragmaticamente falando, no entanto, não há melhor entidade para tomar partido na manifestação massificada que as torcidas organizadas.

À parte a história do clube e a **democracia corintiana**, as torcidas organizadas provém aspectos fundamentais na luta em manifestações. Diante de um público seguidor do presidente que se organiza sob **intervenção** de **vereadores federais** e **dinheiro** vasto de **empresários** implicados em **CPIs** de **fake news**, não há outro grupo que ofereça **contingente** numeroso de gente forjada no **combate público** – não sob uma óptica positiva, diga-se – e com **alto engajamento**. Tudo isso com uma pitada de **encorajamento político** de **Andres Sanchez**, porque tem coisa que somente é feita com estímulos definidos entre quatro paredes e sem divulgação permitida.



Gaviões da Fiel, torcida organizada do Corinthians, chega à Avenida Paulista com faixa "Somos pela democracia" para manifestação de 31 de maio de 2020.

22

Estudantes "caras-pintadas" em ato contra Collor, em São Paulo, em 18 de setembro de 1992
Foto: Eder Chiodetto | Folhapres

QUEM
CONTROLA A
RUA,
CONTROLA A
OPINIÃO
PÚBLICA

Durou **50 anos**, entre **1964** e **2014**, a exclusividade da esquerda nos protestos brasileiros. Considerando as **greves sindicais** dos anos 70 que lançaram **Lula** ao estrelato político nacional, as **Diretas Já**, os **caras-pintadas** de Collor e as recorrentes passeatas de sindicatos, o monopólio das ruas estava claro.

Em **2014**, no entanto, a curva se inverteu. Os ditos **cidadãos de bem** vestidos de verde-e-amarelo tomaram conta de vez, inibindo quase por completo as manifestações em contrário, exceção a um solitário dia de **setembro de 2018**, quando o **#elenão** dominou o país, mas teve seu impacto minimizado por conta da fatídica **facada** sofrida pelo então candidato à presidência **Jair Bolsonaro**.



Apoiadores do presidente
Jair Bolsonaro em ato na
Avenida Paulista, em SP.

De fato, **manifestações geram resultado**. Seja direto, como a queda de 2 presidentes eleitos, ou como mantenedor do **moral do grupo**, deixando-o sempre o mais alto possível.

A entrega das ruas para a direita fez parte de um aspecto que fundamenta a necessidade de manifestações: **protesta aquele que está fora do poder**.

O **PT** e a **esquerda** se acostumaram com o poder e os elementos intrínsecos a ele e perderam o fio da mobilização de base que provoca estardalhaço e junta gente. Com **três mandatos presidenciais** consecutivos garantidos e mais um por vir, a **esquerda desaprendeu a ser oposição**.

Na disputa pela praça pública, os adeptos do **lava-jatismo** saíram na frente, mas, por fim, cederam vez ao **Bolsonarismo**, que mantém sua posição firme de controlador das ruas.

Uma vez no Governo, seria natural que a **direita abdicasse** da gestão da opinião pública nas **ruas**. Mas eles sabem perfeitamente do **poder** que as **manifestações** possuem para **mandar mensagens, pressionar autoridades** e reforçar narrativas. Com isso em mente, abrir mão das ruas seria contraproducente às intenções do Planalto.

Para isso, entretanto, seria necessário criar um tipo de **manifestação jaboticaba**: aquelas a favor do governo.

Com o **financiamento** mantido dos empresários, turbinado por orçamentos de gabinete e de propaganda federativa, tudo em nome da campanha eleitoral que nunca termina e dos inimigos imaginários que permanecem criando, personificados no vilão vez, as ruas se vestiam de verde-e-amarelo para pedir liberdade às inconseqüências de Bolsonaro e sua tropa.

Mas a investigação da **CPI das fake news** interrompeu parte do fluxo de recursos de empresários bolsonaristas para que os “protestos” se repetissem com a mesma ênfase. Simultaneamente, o **STF** ataca alguns grupos específicos que desafiam a democracia, como os infames **300 de Sara Winter**. Mesmo sob a proteção imoral de **Augusto Aras**, políticos da base governista estão sendo investigados. Enquanto isso, a **Polícia Federal** resiste a um aparelhamento paralisante e fecha o cerco contra os filhos do presidente.

É em meio a uma reação coletiva que as torcidas organizadas deram o pontapé inicial para a retomada das ruas, validando uma manifestação sem a presença verde-e-amarela para este domingo, 8 de junho. E **Bolsonaro sentiu o golpe**.

Sabe que está em jogo o controle das ruas. E, mais importante, sabe que perder a hegemonia das manifestações significa a pá de cal que vai enterrar de vez o seu governo, sem possibilidade de permanência, por mais acordos que tente costurar com o Centrão. **Sem as ruas, Bolsonaro cai**.

25



**O EMBATE ENTRE
INIMIGO DIFUSO E
INIMIGO CONCRETO**

Quando ascendeu ao poder na Alemanha do início dos anos 1930, **Adolf Hitler** tinha uma lista de culpados para a situação calamitosa do país. Os judeus eram, para ele, a causa maior da derrocada alemã. Junto com o apontamento da culpa em grupo, os nazistas traziam consigo ideais de patriotismo exagerado e religião controladora que justificam até mesmo a existência de uma raça pura, nascida em território alemão e destruída pelos *outros*.

Mais ao sul, na Itália, **Benito Mussolini**, apesar de não compartilhar da visão da raça ariana –o que não significa que o fascismo não seja racista, tanto pelo contrário– tomou à frente do país com discurso patriótico inflamado e que também listava perigos iminentes a conceitos tão difusos quanto a tal raça ariana.

Os governantes populistas da era moderna se fizeram valer da lição de ambos para ascender com **respaldo popular**, mobilizando a classe política por meio da pressão da opinião pública e a classe dominante por meio de benesses econômicas das mais variadas formas. Surgiu o autoritarismo populista.

Tantos outros exemplos se sucederam, navegando nos extremos dos espectros políticos, aqueles em que as regras de direita e esquerda perdem sentido e se tornam uma atrocidade uniforme de ditadura. São os casos de líderes autoritários como **Mao, Fidel, Chavez, Erdogan, Orban**, e até **Putin**.

É fundamental entender um elemento fundamental para que uma ditadura perdure: a existência de **inimigo imaginário** propositalmente **difuso** que apele a um **medo irracional** generalizado e que o **líder supremo** seja a **personificação** deste combate. É necessário **fulanizar** o conceito para perpetuar práticas não republicanas.

Benito Mussolini e Adolf Hitler



Jair Bolsonaro bebe desta fonte. Apela a inimigos e conceitos conspiratórios que circulam no imaginário popular, mas nada possuem de concretos. Há de se interromper o globalismo e o comunismo em nome de Deus, pátria, família e propriedade – aliás, mesmíssimos argumentos que foram vistos na marcha de 1964, e os mesmo que permeavam o **movimento integralista**, o espelho fascista tupiniquim, do início dos anos 30.

Mas toda contenda autoritária precisa de um inimigo, igualmente generalista. Assim, a **Lula** –e aos petistas– foi tachado o **status** de **vilão** maior. Havia, claro, sentido nesta caracterização. A história recente tinha elevado o **PT** ao centro da uma crise de corrupção de proporções gigantescas,

O globalismo tem, contudo, muitas outras faces. O **STF**. O **Congresso Nacional**. A **imprensa**. Não coincidentemente, instituições de **contrapeso** ao poder executivo. Todos sob a batuta de **George Soros**, o financiador do esquerdismo global.

Conceitos inegavelmente valiosos, então, direcionavam o estímulo difuso de engajamento: **Deus, pátria, família e propriedade**. Quem haveria de ser contra isso?

O **PT** proveu ojeriza necessária para legitimar o inimigo que atua em nome do comunismo e globalismo. Assim, se o grupo que professava os absurdos da esquerda, por associação, outros inimigos apontados eram, portanto, válidos. “Quem acerta uma vez tem mais chance de acertar de novo”, racionaliza-se.



Lula é a personificação da ojeriza provocada pelo contraditório ao lema Deus, pátria, família e propriedade.
Foto: **Ricardo Stuckert**

Mas a gaseificidade da glória do Deus, pátria, família e propriedade não se cria sem uma **crise** severa e um **nome** que sintetize este sentimento de **insatisfação**.

A construção da imagem de **Bolsonaro** foi feita continuamente para abarcar os 4 pilares comunicam com o mais elementar livro-texto sobre **populismo autoritário**. Faltava a pitada de caos para degradingolar a estabilidade política e normalizar o absurdo de um bufão que atenta contra tudo e contra todos. Veio, pois, o **impeachment**. Era a tempestade perfeita.



Jair Bolsonaro acena na Câmara dos deputados, em 2016. Naquele instante, ele já estava em campanha presidencial há 2 anos.
Foto: Alan Marques | Folhapress

Em cada nova aparição pública, **Bolsonaro** manteve fielmente a linha para se tornar o nome que condensaria os ideais. Simplificou a narrativa a frases de efeito de fácil assimilação.

Para **Deus**, amechou acordos com a imensa base evangélica e incorporou o versículo de João 8:32 a tudo que faz.

Para **pátria**, que a bandeira jamais seria vermelha.

Para **família**, como pai dedicado e que milita contra os elementos que considera destruidores do conservadorismo familiar religioso, como aborto e homossexualidade.

Para **propriedade**, faz arminha com a mão apelando a uma masculinidade boçal, além de atacar constantemente os direitos humanos, reservado somente a humanos direitos (sic).

Conseguiu, na **simplicidade forçada** de uma pessoa sem instrução, vender-se como **forasteiro** contra tudo e todos num sistema corrupto –mesmo dele sendo parte há 30 anos– e fortalecer seu nome como **válvula de escape à revolta coletiva**.

Bolsonaro assume, com isso, ares de mandante de uma seita engajada e violenta, líder incontestado que unifica os anseios dos cidadãos de bem. Ir contra o presidente é ir contra os básicos elementos que ele semeou desde 2014. Atacar o presidente não significa apenas bater numa pessoa passível de falhas, mas sim atentar contra uma visão idealizada e falsa de **identidade nacional** brasileira.

Parafraseando Peter Beinart em **artigo para a The Atlantic** em 22 de agosto de 2018, para os bolsonaristas, Bolsonaro permanece incorruptível –de fato, anti-corrupção– porque o que eles mais temem não é a corrupção das leis; é a **corrupção da identidade tradicional brasileira**. E no esforço contra esta forma de corrupção –a do tipo personificada por Lula e os petistas– Bolsonaro não é o problema. Ele é a solução.

Assim, **inimigos são forjados** de acordo com a necessidade e a ocasião, sempre mantendo a aura superior de condução a um propósito maior.

E aqui reside um ponto fundamental para compreender a aliança formada de um autoritário populista. Não se consegue combater um inimigo que não existe, porque o embate está vazio de racionalidade.

Como, então, combater o perigo que Bolsonaro representa?



Os ministros do STF Celso de Mello e Alexandre de Moraes, atualmente os maiores freios à escalada autoritária de Bolsonaro.

Enquanto **notas de repúdio** vão se acumulando, dando a impressão de que já pode ser tarde demais, duas figuras emergiram como elementos principais de inibição da guinada autoritária: os ministros do **Supremo Tribunal Federal Celso de Mello e Alexandre de Moraes**.

Por meio de decisões monocráticas, operam ativamente para frear o ímpeto de aparelhamento de Estado ao indicar nomes subservientes às causas do Governo. A eles se juntam uma imprensa que não se rende, em especial a **Folha de S.Paulo**, alvo preferido do presidente, mas não o acovardado **Congresso Nacional**.

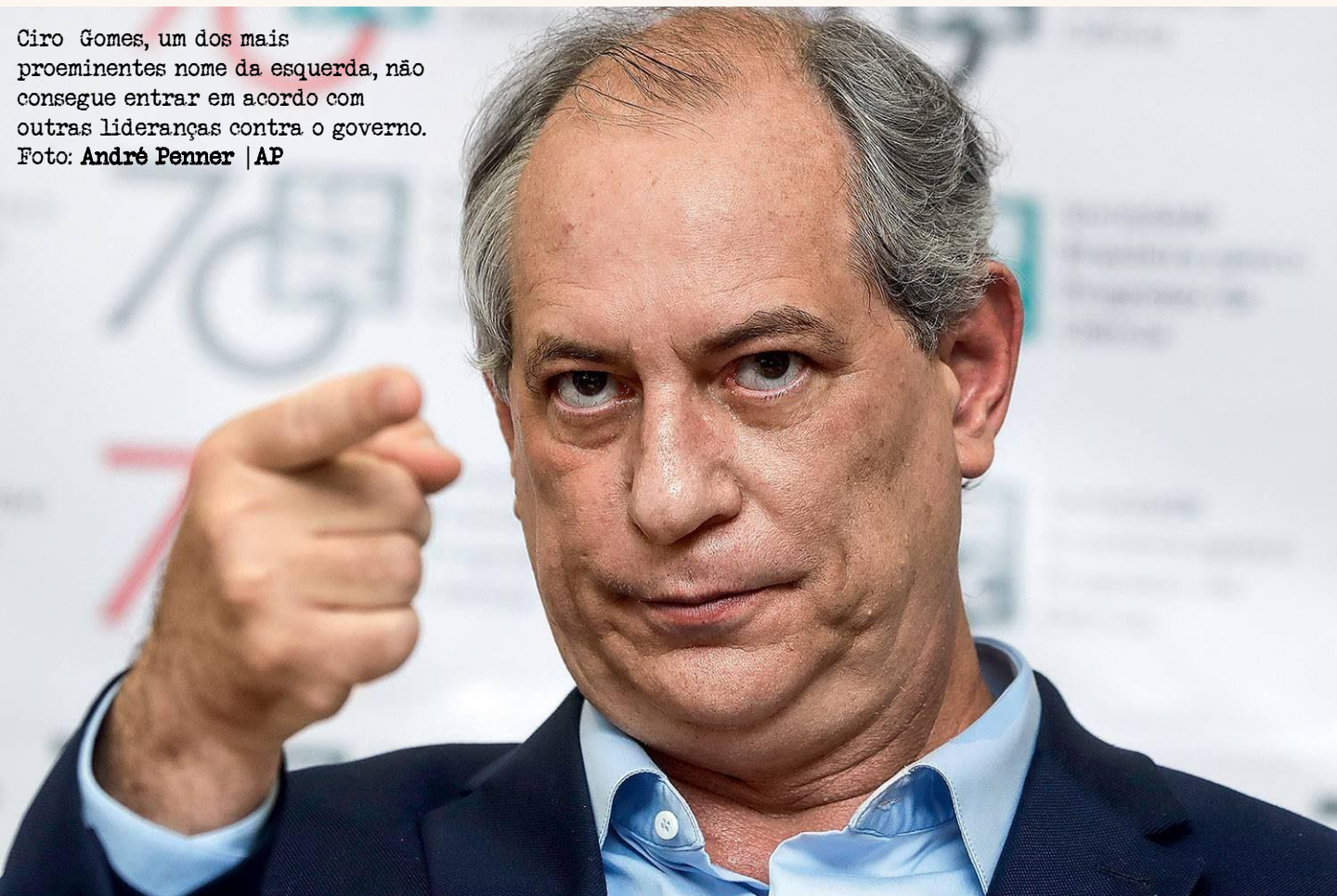
De concreto, tem se mostrado complicado unir a sociedade e instituições para o perigo que Bolsonaro representa.

E o entendimento está justamente no passo-a-passo de que Bolsonaro se utiliza. Falta o **inimigo difuso** que alimenta o **medo irracional** da população, uma vez que se lança mão de questões objetivas e factuais. Conforme o ministro do **STF Dias Toffoli** ponderou da maneira correta, porém incompatível com o argumento que desenvolvia, a democracia não é um dado da natureza – assim como também não são Deus, pátria, família e propriedade, atributos primariamente humanos. Ademais, falta o nome que centralize o debate e se faça o elemento concentrador desta nova realidade.



O ministro do STF Dias Toffoli durante entrevista no programa Roda Viva, da TV Cultura.
Imagem: **Reprodução**

Em meio a uma pandemia que vitimiza milhares de brasileiros sob o olhar mórbido do governo, **Lula** e **Ciro Gomes**, os dois maiores expoentes da esquerda brasileira, se engalfinham em uma guerra de palavras que desvirtua a urgência do tema e reduz a coalizão a intrigas e fofocas. Em jogo, o protagonismo único e uma série de ressentimentos mal resolvidos.



Ciro Gomes, um dos mais proeminentes nome da esquerda, não consegue entrar em acordo com outras lideranças contra o governo.
Foto: André Penner | AP

Ainda que houvesse consenso, há mais um fator que fortalece o **posicionamento de Bolsonaro** perante seus seguidores. Ao tempo em que se estabelece um **inimigo** único, óbvio e concreto à **estabilidade democrática** do país, alimenta-se a imagem de *outsider* de Bolsonaro, de alguém fora do sistema, que efetiva e comprovadamente luta contra tudo e todos.

Neste embate de convencimento impossível à população, há de se **fortalecer a vigilância às instituições de contrapeso**, lutando incessantemente para que permaneçam de pé e independentes.

Se o encanto do neofascismo e do **populismo fulanizado** como conceito dificilmente é rompido sem uma catástrofe, talvez a pandemia e a consequente crise econômica sirvam de **ponto traumático de inflexão**. Ou talvez ainda vejamos muitos mais novos **capítulos de atritos e derrocada civilizatória**.

32

Pintura-retrato de Napoleão Bonaparte: "The Emperor Napoleon in His Study at the Tuileries"
Autor: Jacques-Louis David



A LIÇÃO FRANCESA

Protegida no suntuoso **Palácio de Versalhes**, a **Casa de Bourbon**, da família real francesa, vivia em luxo, alheia às necessidades do povo. Ao ponto da histórica frase de Maria Antonieta, que quando ouviu dizerem que sua própria gente passava fome e não tinha pão, respondeu, jocosa, **“que comam brioche”**.

A insatisfação generalizada, abafada em repressões violentas do Estado, se transformaram em revolta. Imbuídos do iluminismo corrente, que pregava a racionalidade sobre a divindade, deu-se a **Revolução Francesa**, sob os valores de **Liberdade, Igualdade e Fraternidade**. Pela lâmina afiada da guilhotina, **Luís XVI** foi decapitado. Mas faltava ao movimento cheio de ideais um nome que os liderasse. Os conflitos internos foram tantos e de tal monta que **Robespierre**, o incorruptível, um dos principais líderes da revolução, foi também decapitado pelos seus colegas de levante, em **1794**.



Cinco anos mais tarde emergiu à cena um herói de guerra. Com país arrastado em conflitos por toda a Europa e a bagunça generalizada do governo de transição, o atarracado e genial estrategista general do exército francês retornou de vitoriosa campanha no Egito e tomou para si a responsabilidade de comandar a nação. Seu nome? **Napoleão Bonaparte**.



Mas as pretensões de Napoleão não eram, por assim dizer, republicanas. Abusando do apoio popular que amealhara, sendo um dos primeiros líderes populistas não ditos-divinos da história, Napoleão validou nova Constituição, outorgando a si próprio plenos poderes e se autointitulando **imperador** em cerimônia na **Catedral de Notre Dame**, em **Paris**, no dia 18 de maio de 1804, passando a se chamar **Napoleão I**, o primogênito de sua linha.

Coroação de Napoleão I
Autor: François Gérard

Era algo irônico que a **Revolução Francesa** tenha, depois de tão pouco tempo, ter visto retornar à nação um regime absolutista, desta feita não teocrático, ao poder.

Ambicioso e obstinado, **Napoleão** também queria ter a **Europa** sob seu poder. Iniciou expansão do império francês, conquistando territórios em sequência. Boa parte do território europeu estava sob as ordens de Napoleão.

Mas aí ele inventou de invadir a **Rússia** e dominar **São Petesburgo**. A truculência do inverno russo não é à toa uma das mais famosas armas de guerra da história. Além de perder quase todo seu exército, foi inaugurada uma era de seguidas derrotas territoriais. Com isso, Napoleão perdeu poder e apoio.



Ciente de sua derrocada, abdicou do trono em **11 de abril de 1814** e se exilou na **Ilha de Elba**, a oeste da **Península Itálica**. Mas não era capaz de segurar seu ímpeto. Fugiu de Elba menos de 1 ano depois de lá ter chegado para retornar a **Paris** e reassumir seu trono, que a Casa de Bourbon tinha retomado via **Luis XVIII**. Quando soube da volta de Napoleão, **Luis XVIII** fugiu, vagando o posto de líder, e Napoleão voltou a ser imperador.

Mas esta que seria sua última passagem no poder foi sofrível. Recoroado em 20 de março de 1815, permaneceu no trono apenas até 22 de junho do mesmo ano, no que ficou conhecido como o Governo dos Cem Dias.

O exército francês foi derrotado pelos britânicos na famosa **Batalha de Waterloo**. Napoleão foi, então, exilado sob vigília dos britânicos na Ilha de Santa Helena, onde ficou até a sua morte, em 5 de maio de 1821.

Chegou ao fim a vida de uma das mais importantes personalidades da história.

Você deve estar se perguntando agora, “ok, mas o que isso, afinal, tem de lição?”

Perceba a linha do tempo.

Um governo corrupto e alheio aos anseios do povo.

É destronado por um grupo que era cheio de ideais, apatidário, talvez.

Diante da bagunça da transição, o movimento iluminista pavimenta o caminho para que um militar populista assuma o poder e implante seus arroubos autoritários.

Militar que depois abdica do trono, se autoexila, volta para um último suspiro e perde a batalha definitiva, fazendo com que a casa corrupta e insensível destronada pelos revolucionários volte ao poder.

Qualquer semelhança com o agora não é mera coincidência.

Há, por óbvio, diferenças fundamentais.

Para começar, Napoleão era General.

Depois, era um genial estrategista com vitórias importantes no currículo.

E terceiro, e mais importante, Napoleão teve consciência de quando havia chegado a sua hora e a honradez de abdicar do trono para não prejudicar ainda mais sua trajetória e seu país.



Batalha de Waterloo
Autor: William Sadler

36

O então deputado **Jair Bolsonaro** em entrevista ao programa Câmera Aberta, da TV Bandeirantes, em 1999, quando falou de golpe e de matar “uns 30 mil”. Conseguiu.
Foto: Reprodução



**30 MIL:
MISSÃO**

**CUMPRIDA E
DOBRANDO A META**

MORTOS POR COVID-19 NO BRASIL

34.039

04/JUNHO

“

Você só vai mudar, infelizmente, no dia que nós partirmos para uma guerra civil aqui dentro... e fazendo o trabalho que o regime militar não fez, **matando uns 30 mil!** Começando com FHC, não deixar pra fora não! **Matando!** Se vai morrer alguns inocentes, tudo bem, em tudo quanto é guerra morre inocente. Eu até fico **feliz se morrer**, mas desde que vá outros **30 mil outros**, outros junto comigo.

Jair Bolsonaro, em entrevista ao programa Câmera Aberta da TV Bandeiras, em 1999

”

RUMO AO BRASIL ACIMA DE TUDO!

1
17/MARÇO



38

General Eduardo Pazuello.
Foto: Anderson Riedel

**O INCRÍVEL
CASO DO
INTERINO
OFICIAL**

O Governo estava sendo, com justiça, atacado pela ausência de um **ministro da Saúde** em plena pandemia.

Desde a saída de **Nelson Teich**, em sua passagem relâmpago e desfalecida, o **Gen. Eduardo Pazuello**, que tem como médico a mesma experiência que eu tenho como astrofísico –nenhuma– já estava atuando como comandante interino da pasta.

MAS PARA QUEM PENSA FORA DA CAIXA, NÃO HÁ LIMITES NEM IMPOSSÍVEL.

Depois de passar por avaliação criteriosa em que **negou pandemia** e prometeu **cortar investimentos** no combate à doença, canetar a alteração da **bula da hidroxiclороquina** e **milicarizar** ainda mais a pasta, Pazuello foi confirmado por Bolsonaro como ministro interino da Saúde.

O que ele **já era**. Mas agora é **oficialmente** o que já era. Quer dizer, não é mais secretário executivo atuando como ministro interino, mas ministro interino atuando como ministro interino. Problema resolvido.

SALVE-SE QUEM PUDER.



LUIZ MANDETTA
JAN/19 A ABR/20



NELSON TEICH
ABR/20 A MAI/20



GEN. PAZUELLO
DESDE MAI/20*



VAI QUE...
EM BREVE

40

#

**BLACKOUT
TUESDAY**

Não, eu não coloquei o quadrado preto com a hashtag #blackouttuesday nas redes sociais no dia 2 de junho.

Conforme postura adotada para temas não diretamente relacionados a uma causa em que eu tenha lugar de fala, preferi esperar e entender o contexto. Ouvir vozes, balancear os pontos e definir um caminho. Vi, então, 2 mundos.

Num deles, os brancos, dentre eles amigos meus, queridos, gente não-racista, gente antirracista, que colocou o quadrado preto. Uma mensagem de “estamos juntos”, de “sua causa é, apesar dos meus privilégios, minha também. Conte comigo.”

Mas não foram apenas estes efetivamente de bem que se apoderaram da campanha. Celebidades (e subcelebidades, *por supuesto*) também entraram na onda, e aí os problemas surgiram.

Problemas estes que foram apontados pelo universo negro, com toda razão, com argumentos contundentes, com enfrentamento assertivo. Aos fatos.

A hashtag era originalmente para que as pessoas divulgassem casos de racismo mundo afora. Ao se apropriarem os brancos da ação também para si, as denúncias se perdem no amontoado das pesquisas em redes sociais, invisibilizando, uma vez mais, uma manifestação exclusivamente negra.

Adicionalmente, num momento tão sensível de nervos à flor da pele e constantes assassinatos do povo negro pelo braço armado do estado, pede-se muito mais que uma hashtag: pede-se **atitude**. Mas, normal e infelizmente, costuma-se parar na hashtag. E, recorrentemente, li, vi e ouvi : PAREM DE USAR A HASHTAG E DE POSTAR O QUADRADO PRETO.

Bastou. Estava claro o que eu deveria fazer. Postar a hashtag seria embarcar numa causa que, além de não ser a minha, faria eu me juntar a gente de índole questionável em meio ao mundo de gente do bem para ganhar tapinha nas costas de brancos, enquanto negros, mesmo em parte, foco da ação!, permaneceriam em desagravo. Não foi uma escolha difícil.

42

Colin Kaepernick, ex-quarterback do San Francisco 49ers, que se tornou uma das figuras centrais contra o racismo e a brutalidade policial nos EUA, ao se ajoelhar em protesto durante o hino americano em jogos da NFL.

Foto: AP

**AGORA
PODE?**



O verão americano de 2016 foi particularmente sangrento. No último ano de Barack Obama como presidente, a violência transcendia as redes sociais, inflamadas pelas táticas de Steve Bannon que culminariam na eleição de Donald Trump, e aumentavam a truculência da polícia contra o povo negro.

Em protesto em agosto de 2016, durante a pré-temporada da NFL, Colin Kaepernick, então quarterback titular do San Francisco 49ers, uma das franquias mais vitoriosas e valiosas da liga, permaneceu sentado durante o a execução do hino nacional. Quando questionado, respondeu:

“ Eu não vou me levantar e mostrar orgulho pela bandeira de um país que oprime o povo negro e as pessoas de cor. Para mim, isto é maior que futebol americano, e seria egoísta da minha parte olhar para o lado. Há corpos nas ruas e pessoas pagas para salvá-los os deixam lá e se livram da acusação de homicídio. ”

Kaepernick continuou em seu protesto silencioso. No jogo seguinte, ainda na pré-temporada, se ajoelhou durante o ano, em ato que foi acompanhado pelo companheiro Eric Reid.

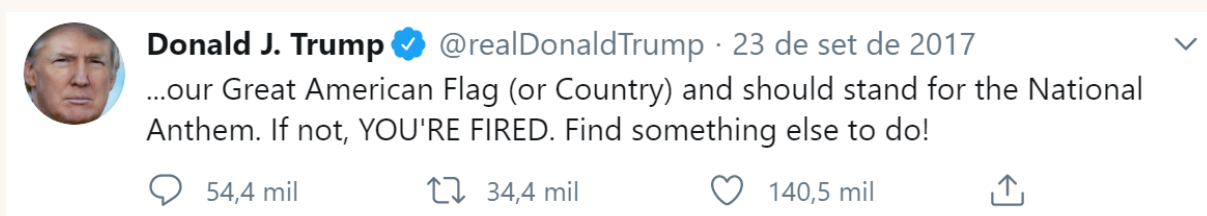
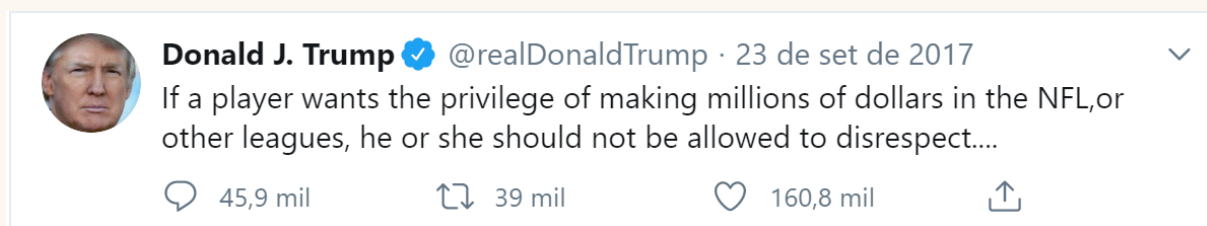
O caso, enfim, ganhou repercussão nacional.



Eric Reid e Colin Kaepernick se ajoelham durante hino nacional americano.

Foto: Michael Zagaris | Getty Images

Kaepernick se tornou, a partir daí, alvo da ira dos conservadores americanos. Um dos mais vocais era o então candidato à presidência Donald Trump, que tuitou, ao seu modo, ataques ao quarterback.



2016 foi a última temporada da curta carreira de Kaepernick. Foi titular em 11 das 16 partidas da temporada regular, em que o time teve uma campanha sofrível de 2-14. Rumores indicam que ele, uma estrela em ascensão da liga, foi marcado como *persona non grata* em todas as franquias, que queriam fugir das polêmicas em torno de seu nome. Por este motivo, Kaepernick entrou com ação judicial contra a NFL e em fevereiro de 2019 fez um acordo sigiloso que encerrou o processo.

Em meados de 2018, a NFL instituiu uma nova regra proibindo qualquer profissional da liga de se ajoelhar durante o hino.

Por conta dos desdobramentos do caso, Kaepernick se tornou estrela mundial do esporte e da causa negra. Assinou contrato com a Nike e se tornou peça-chave de suas propagandas.



Não é coincidência que o tema de brutalidade policial reemerja justamente quando uma nova eleição presidencial americana envolve um grupo ligado à extrema-direita. Mais uma vez, os nervos à flor da pele acirram os ânimos de uma força que, ao aplicar a lei, reforça o racismo que ainda viceja na sociedade norte-americana.

A onda de protestos nas cidades americanas vai desde manifestações pacíficas, com participação voluntária inclusive de parte das forças policiais, até aquelas mais violentas. Estas últimas fizeram o presidente Trump voltar os canhões de sua armada do Twitter contra o próprio povo, em escrita condenada pela própria plataforma, o que gerou mais reações mimadas e ameaçadores do presidente de regulação de mídias sociais.



De fato, a história americana comprova que o problema não é necessariamente a forma de protesto. **Malcom X**, líder da revolta violenta americana durante as campanhas de direitos civis, morreu assassinado em 1965. Já **Martin Luther King**, cultuado líder que protestava pacificamente –o que não impedia repressão brutal–, também morreu assassinado em 1968.

Pacificamente ou não, a opressão do povo negro americano é questão de cor da pele. Aos olhos dos carregados de preconceito racial, não há razão para protestar, senão que se imponha e se aceite as coisas como elas são, em nome de Deus, da pátria, da família e da liberdade. Não há, portanto, manifestação possível para quem deve arcar com a pena da subjugação. E a revolta geral, com razão, aumenta.

APOIE

VOCÊ APOIA VOZES INDEPENDENTES?

Tudo o que você lê, ouve e assiste aqui no Papo de Galo é essencialmente grátis. Mas boleto não liga pra isso. E eu preciso de sua ajuda.

Você pode contribuir de diversas maneiras. O mais rápido e simples: assinando a [NEWSLETTER](#). Isso abre a porta pra gente chegar diretamente até você. Tem mais. Você pode compartilhar esta revista com seus amigos, por exemplo. Você também pode seguir nas redes sociais, comentar, compartilhar, convidar outras pessoas. Assim, o que a gente faz ganha mais alcance, mais visibilidade.

Mas tem algo ainda mais poderoso. Se você gosta do que escrevo, você pode contribuir com qualquer quantia que puder e não vá lhe fazer falta no [APOIA.SE](#) e no [CATARSE](#). Estas doações ajudam construir um compromisso de permanecer produzindo, sem abrir mão da qualidade e da postura firme nos ideais. Com isso, você incentiva a mídia independente e se torna apoiador do pequeno produtor de informações. E eu agradeço imensamente.

APOIA.SE



catarse

47

Militantes brigam por causa de política, circa 2015.
Foto: Marcos de Paula | Estadão

16/10/2019

**DEBATER
POLÍTICA
É BAIXAR O
TOM DE VOZ**



Há algumas poucas semanas, logo após o atentado contra Jair Bolsonaro, a sua ativa militância sentiu o golpe. Com a ausência de seu líder supremo, foi um momento de relativa calmaria dentro da histeria que se tornaram estas Eleições 2018. Não coincidentemente, foi também o período em que Fernando Haddad mais cresceu como candidato. Suas intenções de voto recebiam a deixa da indicação de Lula, como, aliás, era esperado e medido desde o começo. A rejeição do ex-Capitão permanecia nas alturas e durante um breve momento o petista chegou a ser favorito na disputa. Isto se manteve até que, por fim, **Bolsonaro** pôde retomar sua agenda após recuperar suas forças e jogar fogo na fogueira de ódio e de abandono do bom senso que se tornou o **Brasil**.

De fato, o tom da narrativa indica a repetição da estratégia utilizada em outros países, notadamente nos **EUA** de Trump e no Reino Unido do Brexit.

Apela-se ao estômago para ressaltar emoções e a partir delas construir uma narrativa em que sua figura surge como solução única, mesmo que tenhamos que abrir mão de algumas coisas. O perigo

É urgente baixar o tom do debate nas conversas políticas no Brasil. Somente assim poderemos ver a razão se reinstaurar sobre a emoção exacerbada e manipulada para cegar.

mora na extensão destas ‘algumas coisas’ que podemos deixar de lado na ‘luta contra o mal maior’. Afinal, caberá a alguém definir o limite do cerceamento dos direitos, e não estamos nos atentando à gravidade do que isto significa, exatamente por não ser possível. O foco, a atenção plena está voltada ao inimigo a ser combatido.

Apesar dos inúmeros exemplos no crescimento de flertes não-democráticos dentro da democracia, não aprendemos a dialogar com este público manipulado por sentimentos viscerais exacerbados. E não devemos entender que ‘com eles não há diálogo’. Há de se criar um jeito. E de maneira evidente, o que tem sido feito não somente não funciona, como amplifica o alcance das ideias contrárias e solidifica a posição dos mais exaltados.

Primordialmente, portanto, é urgente baixar o tom do debate.

O ocorrido naquela semana em que Haddad cresceu comprova que é possível e que é a única saída. Desta vez, há um desafio desproporcional a ser superado, afinal, Bolsonaro está desimpedido para perpetrar sua narrativa. A questão é: como?

A Psicologia indica uma alternativa. E ela passa pelo entendimento de técnicas de negociação com reféns.

O principal item desta tática é nunca confrontar o sequestrador. O confronto leva, sem exceções, ao limite da inconsequência. Na defesa ferrenha de sua posição, na tentativa de provar-se correto, não importando desenvolvimentos potencialmente nocivos a si próprio, vê-se a escalada da irracionalidade.

Os negociadores em situações de alto risco são pessoas experientes, altamente treinadas. Porque pouco importa o que sentimos ou nossas vontades. Importa, substancialmente, a resolução pacífica (ou com mínimo dano) do impasse. E suas atuações consistem em entender os fatores de impacto pessoal na decisão do sequestrador. A partir dali, procura se aproximar do outro lado, cria empatia e uma conseqüente simpatia. A mensagem é “estamos no mesmo barco, queremos que tudo acabe bem”. Fundamentalmente, baixa-se o tom da conversa sempre. Invariavelmente. A tranquilidade, mesmo que conduzida, provoca um restabelecimento da razão sobre a emoção. E, com isso, aumentam-se as chances de um fim sem dor.

(Adendo importante. Não estou dizendo que os apoiadores de Bolsonaro são sequestradores ou criminosos. Longe disso. Estou tão somente observando seu estado de mente, que se aproxima dos que se verifica em situações de alto risco. Há um desejo essencial que alimenta um comportamento violento, justificado por uma dor sentida e manipulada para ganhar força. Nesta configuração, jogam-se os riscos para o alto pelo

O filósofo austríaco **Karl Popper** (1902-1994), um dos mais influentes escribas do século passado, em seu livro “The Open Society and Its Enemies” escreveu sobre o que chamou de “Paradoxo da Intolerância”. Este conceito apresenta que, no ambiente social, a tolerância ilimitada leva, paradoxalmente, ao desaparecimento da tolerância.

Traduzindo Popper ao âmbito da democracia (que seria a tolerância transformada em política), a democracia ilimitada leva, paradoxalmente, ao desaparecimento da democracia. Vide Duterte, Erdogan e Chávez.

fim daquele sentimento tão caro – e real! – a cada um.)

Portanto, o apontamento genérico dos erros e mentiras de Bolsonaro não vão funcionar. O discurso “fascista” – ou “ele não” – não vai funcionar. Chamar de ‘ignorantes’ ou ‘burros’, muito menos. Perceba como isto exagera o posicionamento do confrontado, que tem como primeira reação, provar-se correto e ponto final. Quando há um embate, defende-se a postura adotada e vai-se com ela com mais afinco.



O trabalho é, por isso, meramente individual. Conversar com cada votante, entender suas motivações. Conduzir a conversa de maneira a se aproximar, criar uma ponte entre os lados. Uma vez compreendidos os fatores que solidificam uma posição, conduz-se para que se questione, sem intimidação, a lógica aplicada.

O problema é que os votantes de Bolsonaro são muitos. Um exército alimentado avidamente por uma fábrica de fake news que se apoderou do aparelho digestório alheio. O maior fronte deles: o antipetismo. Além disso, o outro lado não possui – e não é de se questionar que não possua este conhecimento, porque desenvolvido por poucos especialistas – o conhecimento necessário para aplicar eventuais técnicas de negociação com reféns como guia de interação com o outro lado. Além do que, se o antipetismo é o catalisador de emoções à flor da pele, não seria o PT o adversário ideal, porque

dá vida e realidade ao medo infundado. Além do mais, Haddad, com a retaguarda petista, mostra-se incapaz de liderar esta frente pela razão, interessado que está em mostrar que estão certos e ponto final.

Com isso, está na mão de cada um a responsabilidade por um fardo impossível de se carregar. Diante do desafio colocado, e na impossibilidade de se aprofundar num tema tão importante quanto desconhecido, a única sugestão possível é: procure baixar o tom. Abandone os discursos exaltados, mesmo que como réplica. Respire fundo, acalme-se. Aproxime-se do outro estendendo a mão. Vamos conversar? Numa boa, sem exaltações, sem dedos apontados, sem acusações. Trabalhemos para que a razão possa ser reinstaurada. Lembremos: **é a própria democracia e a civilidade que estão em xeque.**



*Artigo publicado no Papo de Galo em
16 de outubro de 2020*

Militantes brigam por causa de política, circa 2015. Desde então, as tensões só aumentaram.
Foto: Marcos de Paula | Estadão



52

O então deputado federal Jair Bolsonaro fala na Câmara dos Deputados.
Foto: Mauro Pimentel / AFP

06/05/2020

COM QUANTAS
AMEAÇAS SE
DESFAZ UMA
DEMOCRACIA?



O sistema tripartite de Montesquieu foi desenvolvido com um princípio claro: evitar arroubos autoritários de uma das partes. A evolução da imprensa e das tecnologias de comunicação transformaram o conjunto de meios de informação num quarto poder de caráter não oficial. Sobre todos, o Exército, protetor da pátria, que divide com as polícias o monopólio da força.

A separação de poderes implica obrigatoriamente em se buscar negociação para que os poderes, independentes entre si, interajam harmonicamente. Só que, para Bolsonaro e seu governo, harmonia é sinônimo de problemas.

Harmonia restabelece o raciocínio e a prudência no debate público, enquanto seus porquês estão ancorados na areia movediça das distorções conspiratório-paranoicas. Tal qual Chacrinha, Bolsonaro não veio para explicar, mas para confundir.

Há certeza: quando se viram as armas para invariavelmente todas as esferas de contrapeso, numa narrativa de vitimização de quem age contra tudo e contra todos, o que se busca é a dilapidação da incipiente democracia brasileira, tão recente quanto frágil.

A corrosão da democracia ocorre por dentro, abusando da fragilidade das incipientes e descreditadas instituições de contrapeso ao autoritarismo. Em que momento será tarde demais?

Desmantelar instituições é um dos três pilares do autoritarismo populista. Ele se junta à demonstração constante de força e à fabricação de inimigos. A força, no caso brasileiro, é provida pelas Forças Armadas e pela recorrente exaltação a um apoio popular cada vez menor, mas crescentemente mais violento. Já a fabricação de inimigos serve para impor medo e esvaziar o diálogo, retornando ao elementar “e o PT?” e “comunismo” como argumento definitivo para validar a auto-evidente urgência do líder supremo.

O paulatino ataque à democracia tem razão de ser. O imaginário de um levante autoritário remete a tanque na rua, não a uma construção que derruba, um a um, quem se opõe à clareza de que o rei está nu. Somos, pois, nação que segue a vida de rompante, de supetão e aos tropeções.

O achaque às instituições e o preenchimento de cargos públicos pelos de farda são como cupim em edificação precária. Do lado de fora, entretanto, sem a imagem definitiva de golpe à força, cumpre o povo a labuta ideal, negando as aparências e disfarçando as evidências.

Enquanto isso, entre e-daís e cala-a-bocas, notas de repúdio vão se acumulando e, a cada nova não ação, são não mais do que convites para que o autoritarismo se locuplete da incipiência das tais instituições, que nem tempo tiveram para maturar.

Notas de repúdio diante das constantes e crescentes ameaças de um governo que tem a democracia como inimiga de suas vontades, serão os capítulos introdutórios da carta de rendição ao populismo despótico de um líder mítico que se alimenta da mentira para esconder a verdade de suas intenções. Em que momento será tarde demais?

E assim, tal qual Deodoro ou Getúlio, não precisará ele de tiros ou tanques, senão apenas estacionar seus cavalos modernos na frente dos poderes e adentrar aos safanões promovendo sarcásticos 'dá licença', para sentar-se na cadeira de comandante geral.

Saberemos, então, neste instante, diante de imagens espalhadas do grande líder em repartições, findada a oposição que atrapalha a ordem e o progresso, todos tementes diante da fúria do não perdão à subserviência desobedecida, com quantas ameaças se desfaz uma democracia.

*Artigo publicado no Papo de Galo em
06 de maio de 2020*



O então deputado federal Jair Bolsonaro fala na Câmara dos Deputados.
Foto: Mauro Pimentel / AFP

55

Líderes religiosos no palco do Tuca, em São Paulo, durante ato do Direitos Já, em setembro de 2019.

Foto: Gabriel Galo | Papo de Galo

ITÓ SJA!
LA M O D E R A C I A
SJABE.COM

06/09/2019

POR DENTRO DA CAMBALEANTE DEMOCRACIA



Na década de 1970, o Tuca, teatro da PUC em área nobre da capital de São Paulo, foi ponto vital de resistência à Ditadura Militar brasileira. Liberdade de imprensa e de expressão eram exigências que caminhavam junto com o restabelecimento da democracia. Não raras vezes, forças impositoras de um torpe conceito de lei e ordem entraram em confronto com estudantes, que derramavam suor e sangue para enraizar a voz de quem não se submete ao medo.

A simbologia da reconexão do Tuca com suas origens durante o “Direitos Já! Fórum pela Democracia”, no dia 2 de setembro, tem efeitos antagônicos em termos de sentimentos. Se por um lado, costurou-se alianças e se formou um movimento suprapartidário que reuniu no palco representantes de 17 partidos das mais variadas ideologias, desde Novo e PTB, trincheiras da proteção governista no Congresso, aos opositores PSB e PCdoB, passando por outros tantos de centro, por outro é desolador que em 2019 ainda seja necessário lutar e provar o valor da democracia.

O “Direitos Já! Fórum pela Democracia” representa uma linha de resistência diante das recorrentes ameaças do governo ao pleno regime democrático. Mas ainda há muito o que ser feito.

A luz de alerta tem porquê. As constantes mensagens de embrutecimento vindas de

Brasília colocam em xeque a evolução civilizatória em forma de governo. Quando se toma a atacar as instituições de contrapeso ao poder centralizado, expõe-se a face mais perversa do autoritarismo. Na normalização do absurdo, aproxima-se o inaceitável da realidade.

Se para muitos nas ruas ainda paira uma certa de incredulidade de que as conversas tensionem para o extremismo, para quem já viveu na pele as agruras de tempos sombrios, a conexão é inegável. E o mundo prova que mesmo as democracias mais estáveis, como o Reino Unido e os Estados Unidos, estão suscetíveis a um achincalhe organizado.

Noam Chomsky, uma das surpresas da noite, discorreu sobre o perigo iminente do avanço autocrata. Especialmente, de que o relógio correu demais e o monstro do autoritarismo ganhou forma e abraçou aqueles que se veem excluídos de políticas públicas.

públicas.

O desafio do movimento “Direitos Já!” é entender agora quais serão os próximos passos de maneira prática. Anunciou-se que rodará vários estados nos próximos meses, gerando debates e visibilidade. Mas o que, efetivamente, decorre de suas pautas? É esperado um enternecimento no trato de Brasília? Ou a manutenção da postura beligerante é mais provável? Sim, direitos já, democracia sempre, mas com responsabilidade.

E o antagonismo de sentimentos se faz mais uma vez. No primeiro caso, o movimento perde razão de ser, e a democracia segue avançando ao seu jeito; no segundo, ele ganha ainda mais relevância, mas significa a entrada definitiva em tempos sombrios.

Obscurantismo, escuridão, sombras. Termos similares presentes nas palavras de tantos, em meio às suas pautas. No cerne do discurso, essencialmente, enalteceu-se a luta pelo bem maior da política: a vitalidade e plenitude da democracia. A luz se faz na manutenção da participação popular, que não deve ceder às tentações de déspotas, cujas péssimas intenções não podem ser relativizadas.

*Artigo publicado no
Papo de Galo e no Correio da Bahia em
06 de setembro de 2019*



Fernando Guimarães, do grupo Esquerda pra Valer do PSDB e organizador do movimento Direitos Já! Fórum pela Democracia divide o palco com líderes de diferentes religiões, entre eles o Pe. Julio Lancelotti, que fez apelo para que a política olhe para a população de rua e para os mais pobres do país.

— ENTREVISTAS

No dia 2 de setembro de 2019, ocorreu em São Paulo um encontro que deu início ao **Direitos Já! Fórum pela Democracia**. Junto com o colega **Victor Saavedra**, da Carta Maior, entrevistei **Flávio Dino**, governador do Maranhão, e **Fernando Guimarães**, líder do movimento. Estas são as transcrições exclusivas para a revista do que foi conversado com eles.

59

Flávio Dino, governador do Maranhão
Foto: Gilson Teixeira

06/09/2019

ENTREVISTA:

FLÁVIO

DINO

Victor Saavedra: Como o senhor vê essa união de todas essas ideologias e visões políticas diferentes neste movimento suprapartidário de defesa da democracia contra quem o considera o pior governador do país?

Flávio Dino: Quando um movimento tão amplo e tão representativo desse se constitui, você corresponde não apenas a desejos individuais dos seus integrantes, mas sobretudo a uma necessidade objetiva histórica. De fato, há um conjunto de retrocessos, agressões, violações a direitos, que ferem um processo de conquistas históricas fundamentais atinentes à reconstrução da democracia no Brasil e à afirmação do conjunto de direitos contidos na Constituição.

Na medida em que esse edifício democrático está sendo ameaçado por conta dessa hegemonia transitória da política brasileira, se produz, felizmente, um movimento como esse, que reúne dois aspectos muito importantes. O primeiro deles é a força e representatividade e o outro é a amplitude, ser um movimento plural.

Eu realmente fiquei positivamente impressionado com a quantidade de lideranças de vários partidos, mas também de entidades sociais que estiveram diretamente presentes ou enviaram depoimentos, de modo que eu acho que é um movimento fundamental pra nos ajudar a proteger direitos e sobretudo defender uma perspectiva social para o Brasil em que a recessão e o desemprego sejam pautados como problemas nacionais e que todos trabalhem para sua superação.

Gabriel Galo: Governador, ao mesmo tempo há muitas dúvidas sobre a continuidade desse tipo de aliança. Nas últimas eleições já houve esse debate, de conversas que eram feitas e alianças que pensavam num bem maior, seja para o Brasil, seja regionalmente, mas elas caíam por terra por conta de priorização de bandeira partidária, de manutenção de uma certa hegemonia dentro do debate político. Esse movimento vem um pouco pra tentar romper com esse ciclo e tentar trazer uma nova mensagem de que agora efetivamente vai se parar para conversar sobre um movimento suprapartidário que não vai dar vez ou voz a este tipo de embate interno?

FD: Em primeiro lugar eu acho que as derrotas ensinam muito. Esse processo recente que o Brasil viveu, em que uma série de batalhas que o campo popular, campo democrático, campo nacional travou e, infelizmente, perdeu, serve, a meu ver, de estímulo para que todos participem de um movimento com essa feição.

Segundo lugar, acho que esse movimento Direitos Já! Tem uma virtude que em outros movimentos não se verificou. Ele tem uma direção e uma coordenação autenticamente suprapartidária, e isso é vital. Isso permite o estabelecimento de um pacto de lealdades por intermédio das várias lideranças que aqui compareceram, e que é vital para que ele possa prosseguir.

Independentemente de amanhã isso se espelhar ou não em candidaturas unificadas, o mais importante é a discussão, na minha avaliação, de um programa em comum, de um conjunto de teses e propostas que serão defendidas por todos. E esse foi o sentido da intervenção que eu fiz aqui nessa noite, buscando justamente a construção dessa unidade programática.

GG: Você acabou de comentar de conteúdos a serem desenvolvidos, propostas e ideias, e isso foi sempre muito debatido nos últimos anos no Brasil, da falta de um plano de país, de um projeto estruturado de nação. Essa é a ideia também deste movimento, de que seja gerado um documento, um conjunto de propostas para serem perseguidas não somente pelo movimento, mas também por todas as outras instituições que podem porventura embarcar nesse mesmo ideal de defesa da democracia?

FD: A narrativa sobre o passado brasileiro, que nós compartilhamos em comum, não é suficiente. Por isso precisamos celebrar, não há dúvida, a memória de conquistas pretéritas de lutas, de lideranças que foram decisivas na vida brasileira, pra reconquista da democracia, pra promulgação da Constituição mais avançada que o Brasil já teve, porém é preciso, ao mesmo tempo, voltar nosso olhar pra uma dimensão prospectiva. O que nós podemos fazer em termos de atualização programática, de referências políticas, que sejam

Capazes novamente de conquistar e seduzir largas parcelas da população que, nesse momento, estão dominadas pela desesperança. São segmentos sociais amplos que não têm uma participação política orgânica, e que nesse momento estão descrentes, desacreditadas de tudo.

Então, acho que o evento foi forte também nesse sentido, da compreensão de que nós não nos bastamos. É preciso, sobretudo, reconectar o mundo político e institucional, neste caso, o nosso campo em particular, ao sentimento mais profundo do povo, sobretudo os mais simples e humildes que estão sofrendo tanto. Então acho que a pauta, os trilhos que nós estabelecemos aqui nessa noite foram bastante positivos, de modo que eu acredito que o movimento vai prosseguir, com tarefas que são suas e somente suas. Evidente que isso não exclui a articulação partidária e institucional, mas é um caminho para que até o ambiente partidário possa se desenvolver em faces mais produtivas, mais eficazes, na medida em que não seja puramente um jogo partidário, mas sim uma perspectiva política mais ampla.

VS: Governador, nós temos um presidente que é notoriamente agressivo. Quando se vê atacado, ele responde. Como o senhor acredita que seria a resposta do presidente a um movimento suprapartidário que pretende defender direitos que ele tem atacado através das suas medidas provisórias, através de seus projetos e através até da indicação de seu filho pra uma embaixada?

FD: Lamentavelmente, o atual presidente da República tem se mantido fiel a um modelo extremista, sectário, e portanto agressivo, em relação a valores fundamentais, a exemplo do pluralismo. Por isso eu imagino que, infelizmente, ele vê a tudo e a todos como ameaças, e por isso ele reage tão agressivamente. Nós, naturalmente, não podemos nos intimidar e nem renunciar ao exercício do papel que nos cabe: o papel de oposição, nos termos da Constituição e da lei, e com isso ajudar o Brasil. O nosso movimento político, no sentido amplo, partidário, é um movimento patriótico, e por ter essa característica, não podemos retroceder e nem renunciar àquilo que nos cabe, que é defender essa perspectiva de desenvolvimento com justiça social que nós apresentamos aqui nessa noite.

63

Fernando Guimarães, em entrevista para a Folha de S.Paulo.
Foto: Danilo Verpa | Folhapress

06/09/2019

ENTREVISTA:
FERNANDO
GUIMARÃES

Victor Saavedra: Fernando, essa data é infelizmente icônica que foi a partida de Alberto Goldman, mas também é uma data que marca um evento que planeja lutar pelos direitos, que pretende defender de maneira suprapartidária os direitos dos brasileiros, independentemente de quem seja o presidente. Como é pra você e para a organização ter que comemorar e entrar no luto ao mesmo tempo.

Fernando Guimarães: O governador Alberto Goldman foi uma liderança muito importante na história da luta democrática. Nós perdemos ele ontem (1º de setembro de 2019) e hoje a própria família dele foi convidada para estar aqui, mas é um momento muito difícil. Agora é muito simbólico que a gente possa fazer uma homenagem pra ele num evento nacional, num evento que, do ponto de vista de pluralidade, o maior evento democrático da história do Brasil desde as Diretas Já, e que nós temos uma responsabilidade imensa pela frente, que é uma responsabilidade de todos que estiveram aqui, seja no palco, seja na plateia.

Essa foi hoje uma plateia qualificada no sentido de que todos os convidados que aqui estavam receberam ofícios, convites, vieram representando os mais diversos setores da sociedade. Estiveram aqui ambientalistas, educadores, cientistas, religiosos, artistas, então foi muito plural. E a gente conseguiu colocar no palco 16 partidos políticos, e isso é uma coisa que realmente motiva a gente, ao entender que agora a gente tem uma longa caminhada. Vamos correr o Brasil, estado por estado, numa agenda permanente de construção de mobilização da sociedade, e um observatório permanente na defesa do estado democrático de direito.

Gabriel Galo: Fernando, essa era minha próxima pergunta. Nos últimos anos vários movimentos surgiram e eles acabaram, ou esmaecendo, porque perderam força, perderam vitalidade, ou aderiram a uma pauta que, de tão específica, acabou não gerando tanta simpatia, como o Acredito e o Renova, que acabaram criando pautas que não são tão inclusivas quanto o que você traz pra negociação e pra debate. O que se viu aqui hoje foi o oposto, ao unir tantos espectros diferentes, religiosos e políticos, especialmente. Agora há um desafio que é manter esse movimento pulsante, vivo. Você comentou sobre

o plano de correr o Brasil apresentando o Direitos Já. O que mais vai ser feito com relação a isso, pra que as pessoas se sintam mobilizadas, para que se sintam parte ativa, para que não seja apenas um movimento que conversa somente com pessoas que são convidadas, mas fazer com que a população se sinta acolhida, que as ideias e as necessidades sejam refletidas na pauta de quem faz a política no Brasil? Como fazer com que a população se engaje nesse movimento?

FG: Olha, a gente vive um momento histórico, que pede um movimento como esse, assim como nas Diretas Já, naquele momento, havia uma necessidade histórica. Então, a gente não teria conseguido unir tanta gente no palco se não houvesse uma ameaça ao estado democrático de direito. Então, o movimento vem com muito vigor, ele é muito plural.

Esse aqui é um espaço de 700 lugares e nós colocamos aqui o teatro cheio, com lideranças de todos os segmentos, e a sociedade estava representada aqui, os mais pobres estavam representados aqui. Diversas lideranças citadas aqui são de movimentos populares, de movimentos religiosos, de moradia... Então, eu diria que a sociedade brasileira, de alguma forma, estava aqui. Tinha gente de todos os estados do Brasil.

Estamos passando por momento em que as pessoas estão com um sentimento de impotência, em que direitos são suprimidos, todo dia que a gente acorda é uma pauta diferente que está sendo colocada. Aqui o que nós estamos dizendo é o seguinte: é um por todos e todos por um. Se um dia a alguém está sendo ameaçado, estamos todos. Isso dá muita força.

Quando a gente diz que vai correr o país, significa que isso tem uma importância não apenas simbólica, mas que a gente vai fazer com que em cada canto do país a gente consiga mobilizar a sociedade e, com isso, a gente vai ter capacidade de dar respostas a qualquer ameaça ao estado democrático de direito.

Uma outra questão é que, paralela a essa mobilização, há uma capacidade nossa de dar, agora, respostas a questões fundamentais com o peso de uma manifestação que consegue

reunir esquerda, centro e direita, e uma pluralidade da sociedade. União nacionais dos estudantes, todas as centrais trabalhistas estavam aqui, a igreja estava aqui, todos os setores.

É claro que pra isso ser possível, a gente não pode ter a pretensão de que a gente vai ter todas as pautas que a gente gostaria de ter. O que nós temos é uma unidade em torno de uma pauta fundamental, que é a democracia, o estado democrático de direito, a garantia dos direitos humanos. Portanto, são pautas que produzem uma ampla convergência. Não há alguém que esteja do lado civilizatório que seja contra isso.

O que ocorria até ontem é que todos esses movimentos estavam desarticulados. Cada um mantém sua pauta independente em seu espaço, mas é importante ter um fórum, um espaço onde a gente consiga reunir todos e dizer “olha, quando se ameaçar algum direito, algum princípio fundamental, algum valor fundamental da Constituição brasileira, aí nós estamos todos juntos, nós damos um basta.”

VS: Quem foi o grande ausente nesse debate, quem você considera que deveria estar aqui participando, mas não veio?

FG: Eu não considero que teve uma liderança que tenha feito falta. Por quê? O movimento deu a largada hoje. Nós estamos numa construção de 10 meses. Nós tivemos muita gente participando dessa construção. E embora algumas personalidades não pudessem estar aqui hoje, mas os seus campos políticos foram representados por outras personalidades. Quem não esteve hoje, nós contamos num próximo. movimento está de portas abertas a todos. O único critério para participação que a gente tem é que a gente reúne aqueles que têm compromisso com a democracia e com o estado democrático de direito. Nós estamos dispostos a dialogar com aqueles que em algum momento acreditaram neste projeto de poder que está instalado no país hoje, mas hoje se arrependem.

Nós somos um movimento de portas abertas.

APOIE

VOCÊ APOIA VOZES INDEPENDENTES?

Tudo o que você lê, ouve e assiste aqui no Papo de Galo é essencialmente grátis. Mas boleto não liga pra isso. E eu preciso de sua ajuda.

Você pode contribuir de diversas maneiras. O mais rápido e simples: assinando a [NEWSLETTER](#). Isso abre a porta pra gente chegar diretamente até você. Tem mais. Você pode compartilhar esta revista com seus amigos, por exemplo. Você também pode seguir nas redes sociais, comentar, compartilhar, convidar outras pessoas. Assim, o que a gente faz ganha mais alcance, mais visibilidade.

Mas tem algo ainda mais poderoso. Se você gosta do que escrevo, você pode contribuir com qualquer quantia que puder e não vá lhe fazer falta no [APOIA.SE](#) e no [CATARSE](#). Estas doações ajudam construir um compromisso de permanecer produzindo, sem abrir mão da qualidade e da postura firme nos ideais. Com isso, você incentiva a mídia independente e se torna apoiador do pequeno produtor de informações. E eu agradeço imensamente.

APOIA.SE



catarse

68

Jogadores do Vasco da Gama entram em campo para jogo do Campeonato Carioca 2020 usando mascaras. Time teve 16 atletas confirmados com Covid-19.
Foto: Thiago Ribeiro | AGIF

CASOS DE COVID NO FUTEBOL DO RJ EVIDENCIAM O RISCO DE VOLTAR



Neste domingo (31), o Vasco da Gama confirmou que 16 atletas profissionais testaram positivo para o Covid-19, além de outros três jogadores que também contraíram o vírus mas já se curaram. Apesar da situação preocupante, o Vasco é um dos maiores incentivadores do retorno do futebol no Rio de Janeiro nos bastidores.

O mesmo ocorre com o Flamengo, que no mês passado registrou 38 casos entre seus funcionários, incluindo três jogadores. Apesar disso, o clube segue treinando em campo e também é um dos grandes clubes do Rio favoráveis à retomada do estadual, que deve ser discutida nos próximos dias.



Rafinha, lateral do Flamengo, realiza testes para detectar o novo coronavírus

O simples fato de ter atletas diagnosticados com a doença deveria ser suficiente para que esses times não incentivassem o retorno das atividades. Ainda que não houvesse nenhum caso nos clubes, basta olhar para a situação no Rio de Janeiro, segundo estado mais afetado pela crise no país: são mais de 50 mil casos e um número de óbitos superior ao da China.

São números assustadores, que escancaram o real perigo da retomada do futebol. Parece muito precoce e irresponsável discutir o retorno dos campeonatos enquanto a própria Organização Mundial da Saúde (OMS) declara que o Brasil ainda não atingiu o pico da doença.

Além disso, é preciso pensar nos torcedores. Muitos deles estão enfrentando a doença de alguma forma, seja lutando pela recuperação, seja na linha de frente no combate ao vírus. O momento é de união em torno de uma causa mais séria, e não de retomada do futebol.

Se depender da grande maioria dos clubes cariocas, o campeonato estadual será retomado em breve. A própria Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro (Ferj) parece estar disposta a estabelecer um protocolo para a volta da competição. Porém, deve haver uma forte queda de braço, já que Botafogo e Fluminense são contrários ao retorno. O posicionamento dos dois clubes é um grande alento num momento em que os demais parecem caminhar para uma decisão controversa e irresponsável.

POR QUE NA EUROPA OS CAMPEONATOS ESTÃO VOLTANDO?



Lewandowski, atacante do Bayern de Munique, de máscara. O Campeonato Alemão foi um dos primeiros, dentre os grandes centros, a retomar o futebol.

O argumento daqueles favoráveis ao retorno dos campeonatos é a comparação com a Europa, que aos poucos começa a retomar suas atividades. Porém, é necessário comparar também a situação da pandemia no continente.

Embora tenha sido o epicentro do Coronavírus por muito tempo, a Europa dá mostras de retração na curva de contágio.

A Espanha, que confirmou o retorno de seu campeonato para o dia 11 de junho, registrou seu primeiro dia sem nenhuma morte por Covid-19, além do segundo dia seguido com menos de 100 casos diagnosticados. O mesmo aconteceu na Alemanha, que já reiniciou sua liga, e outros países como Inglaterra, Itália e Portugal.

A Europa, portanto, está em uma fase de declínio de contágios e morte. O Brasil, no entanto, ainda não atingiu esse patamar e está enfrentando dias duríssimos nos hospitais. A realidade por aqui é completamente diferente, e isso explica por que não se deve discutir o retorno dos campeonatos nesse momento, mesmo com portões fechados.

SITUAÇÃO EM OUTROS ESTADOS



O Internacional de Porto Alegre, de Patrick, foi um dos primeiros a retomar atividades no Brasil.

No Rio Grande do Sul, Grêmio e Internacional retomaram as atividades no mês passado, apesar de casos confirmados de Covid-19: Diego Souza, atacante do time tricolor, contraiu a doença. O mesmo aconteceu com os presidentes Romildo Bolzan Jr., do Grêmio, e Marcelo Medeiros, do Inter.

Em Minas Gerais, os clubes também treinam em campo, e o roteiro é parecido: o meia equatoriano Juan Cazares, do Atlético-MG

Atlético-MG, foi diagnosticado com o novo coronavírus.

Em São Paulo, os clubes parecem mais receosos em relação ao retorno aos treinos e, conseqüentemente, às competições. Há uma união entre todas as agremiações e a federação, que parecem estar em sintonia com as autoridades sobre não apressar o retorno do campeonato.

O futebol é uma das riquezas de nosso país e certamente faz muita falta a seus torcedores. No entanto, precisamos compreender que há uma luta maior em curso. Isso tudo passará na medida em que tomarmos decisões com responsabilidade, colocando a saúde como prioridade.



Jogadores do Vasco da Gama entram em campo para jogo do Campeonato Carioca 2020 usando máscaras. Time teve 16 atletas confirmados com Covid-19.
Foto: **Thiago Ribeiro** | **AGIF**

73

JORGINHO, ex-massagista do Flamengo, morto pela Covid-19.
Foto: Alexandre Vidal | Flamengo

★ 28/10/1951
† 04/05/2020

QUANDO NEM A
TRAGÉDIA SERVE
COMO LIÇÃO



Entre as cerca de 11 mil mortes por Covid-19 no Brasil até o dia 3 de maio, está a de Jorge Luiz Domingos. Jorginho, como era conhecido por todos, era o funcionário mais antigo do Flamengo carioca. Há uma semana, Jorginho, aos 68 anos, engrossou as estatísticas da doença.

A morte chegando ao seio do futebol não serviu, no entanto, para que o fingimento que subestima o perigo oferecesse uma trégua. Ironicamente, a despedida de Jorginho ocorreu no mesmo dia em que alguns clubes retomaram parte das atividades, enquanto outros tantos cedem e fazem coro aos apelos da CBF, emissoras e patrocinadores.

O discurso “e daí” trata da real questão da deterioração financeira de empresas, clubes, atletas e, principalmente, funcionários, os mais vulneráveis da cadeia, sem contar dos tantos outros que circulam no entorno do esporte.

A preocupação com o bolso é válida, por certo. O que não é válido, no entanto, é tratar a questão econômica como elemento independente da pandemia. A crise econômica é consequência da crise

A Covid-19 chegou ao futebol, mas ainda é subestimada. Muitos advogam pelo retorno, numa preocupação que é reflexo de velhas estruturas.

sanitária, e prolongar os efeitos desta última sangrar ainda mais a economia. A Suécia testou a política do “e daí”, causando mais mortes, mas com a mesma queda no PIB, do que outros países escandinavos que adotaram medidas de controle.

O modelo sueco, imitado por tantos mundo afora, evidencia que ignorar a doença em nome da economia é tão somente sacramentar a morte de tantos, numa roleta-russa perversa. Na toada da ignorância, enquanto os países que se fecharam começam a reabrir suas portas, aqui vamos empurrando com a barriga, estendendo a crise que é, sobretudo, moral e civilizatória.

Mas se as comprovações factuais do lado de fora da fronteira não são compreensíveis à limitação de cá, se as mortes que se amontoam em caos sanitário não provocam simpatia, nem se

as valas comuns são capazes de criar a imagem forte o suficiente para abrir os olhos, a morte no coração do futebol não serviria de lição, adiando-se e cancelando-se campeonatos em nome da vida? Deveria, mas temos enraizado o Brasil de casa grande e senzala.

Quem morreu foi Jorginho. Massagista. Negro. Pobre. Aos olhos da elite, com seus ternos e cheques, Jorginho é alguém *morrível*. Afinal, negro e pobre sai de casa sem a certeza da volta, tem a morte circundando e dobrando a esquina à espera da fatalidade. Para os tais, dando-se de ombros, morreu quem “podia morrer”. Só mais um, e daí?

E assim seguem, indiferentes, os que se despem de humanidade solicitando o retorno do futebol, dando as costas à massa que sucumbe na crise, abandono tão bem representado no deserto insípido das futuras arquibancadas desalmadas.

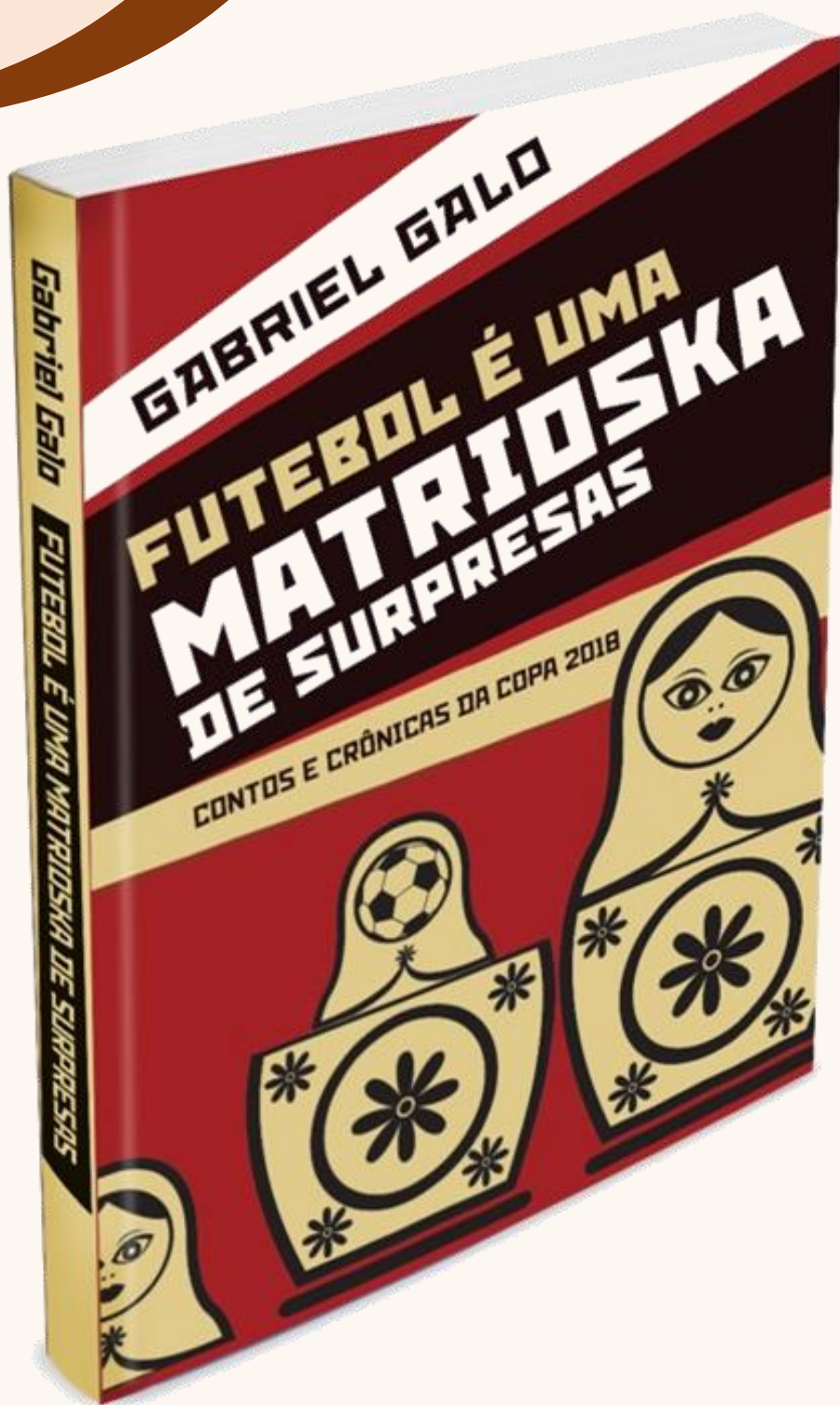
Se na Roma antiga o pão e circo era instrumento de controle, distorcemos tudo no presente. Do pão temos somente o discurso, sem ser provido com a velocidade e a abrangência necessárias a quem necessita; do circo, clama-se por um espetáculo patético, torto, decadente, sem vida. O futebol, enquanto entidade e identidade nacional, não merece quem o rege.

Torce-se, pois, pela ilusão da normalidade, que poderá fazer a canção de Aldir Blanc, também vítima da Covid-19, ganhar contornos de realidade macabra, em simulacros de Jorginhos ainda mais excluídos, sem direito a nome e sobrenome: “tá lá um corpo estendido no chão, em vez de um rosto, uma foto de um gol”. Mas, olhe, é um gol do seu time! Não era bom quando a gente cantava isso?

*Artigo publicado no
Correio da Bahia
em 11 de maio de 2020.*



HORA DO
MERCHAN



DISPONÍVEL
SOMENTE NA

amazonkindle



“

O MELHOR LIVRO
SOBRE A COPA DO
MUNDO **RÚSSIA-2018**,
DENTRE AQUELES EM
PORTUGUÊS,
ESCRITOS POR UM
BAIANO E LANÇADOS
DE MANEIRA
INDEPENDENTE EM
OUTUBRO DE 2018.

77

Quadro "O Grito", de Edvard Munch, ícone do movimento expressionista. A obra representa uma figura andrógina num momento de profunda angústia e desespero existencial.

**REDE
SOCIAL DO
EU SOZINHO**



A lógica das redes sociais é fartamente conhecida. Ela atua para provocar o máximo de reações, aumentar o tempo conectado e os dados que voluntariamente oferecemos. Para isso, fazem o usuário visualizar mais publicações que estejam em conformidade com o que escreve ou interage. Surgem, pois, as bolhas, redomas de informações que vão ao encontro do que pensamos e acreditamos.

Havia, no entanto, a questão da interação social para apaziguar um pouco os ânimos e testar empiricamente a receptividade de ideias e posturas. O aspecto civilizatório da convivência é aprendizado duro, em que se molda o entendimento de respeito e aceitação ao contraditório.

Só que o necessário isolamento pela pandemia derrubou o fator convivência da equação. Presos dentro de casa, inauguramos a mais exclusiva e perfeita rede social existente:

a do eu sozinho. Com isso, estamos gradativamente perdendo contato com o alimento da inteligência emocional.

O isolamento pôs fim à interação com o contraditório testado empiricamente para moldar o comportamento social. Diante de tantos absurdos, procura-se guerra a todo instante.

Muitos são os complicadores que contribuem para que a

bolha do isolamento adquira contornos explosivos. Sem norte de saída, passamos a ser reféns de disparates, que tocam no âmago de nossas compreensões. Numa escalada de perspectivas, as incertezas levam à angústia, que leva a uma ansiedade desmedida e, em última instância, o desespero, quando não há mais racionalidade em ação, mas apenas sobrevivência e desejo de retomar sensação qualquer de controle.

Reagimos. Vemo-nos diante da necessidade de confrontar os absurdos. Pegamos, assim, em armas e partimos para o combate aberto, escancarado, vigilante. No ponto em que estamos, a guerra não é mais eventual, mas sim recorrente. Não cabe nos desarmarmos.

Mas lutar cansa, e buscamos nos desligar da guerra maior em algo que nos alivie a mente. Ainda assim, fazemos a pausa de

armadura, espada e escudo.

Mas ao apertar o play do retorno da convivência limitada, vemos o condicionamento tomar partido. Como tudo era enfrentamento, com reações que obscurecem a razão, enxergamos ofensas com olhos enviesados e contra-atacamos com a fúria da inteligência emocional que se esvai.

Num ambiente em que a absoluta ausência de controle e poder é a tônica, retomar parte deste sentimento corrompedor é instintivo, mesmo que nos viremos contra aqueles com quem caminhamos juntos. Neste ambiente não se entende mais gostos e quererres como atributo individual, mas como ofensa que transcende ao coletivo. É fato: a guerra sempre vai a quem a quer, porque ela se autofabrica.

Está aqui um dos efeitos temerários da quarentena: o aceleração da erosão de marcos de civilidade e aceitação do contraditório. Neste ínterim de pandemia, é fundamental que saibamos entender causas e consequências, quem é o oponente e quem é o aliado, e em quais situações vale o esforço da batalha, torcendo para que, no cessar fogo, não tenhamos cada um causado um estrago de que nos arrependemos.

Desta forma, lá na frente, no quando a normalidade possa ser a constante, será urgente buscar o condicionamento de comportamentos de volta à convivência ampla, reabrindo as portas para aceitarmos nossas vulnerabilidades e entender que diferenças são o sal da vida e o que nos fazem avançar. Só então poderemos mensurar o tamanho do buraco que cavamos para nós mesmos.

*Artigo publicado no Correio da Bahia
em 18 de maio de 2020.*

80

Cabana de Ted Kaczynski, o Unabomber, nos EUA

CONTO
DA
ANIQUILAÇÃO



Quando jovem, era impetuoso. Tinha convivência conflituosa. Não era conhecido exatamente pela sua capacidade cognitiva, tanto pelo contrário. Ao mesmo tempo, não suportava ambientes pacíficos e procurava sempre o tumulto para sair sorrindo com a bagunça que invariavelmente criava. Quando confrontado, culpava perseguições tantas e tais que quem ouvisse o discurso apaixonado do garoto cairia na mentira.

Formou um pequeno grupo de pensadores similares. Andavam ao lado do agora não tão mais jovem menino. Apesar de quase trintão, vivia na casa da mãe, sem nunca ter trabalhado. Tramava altos golpes mirabolantes, mas se irritava mesmo quando sua mãe errava o jeito de preparar o Toddynho.

As frustrações de uma vida de incompetência e rejeição foram amargurando ainda mais a alma do senhor. Rechaçado por todos, fechava-se em uma bolha cada vez mais obscura, cheio de certezas que tirava do

achismo sobre o que observava e das consultas constantes ao cartomante da cidade, um charlatão que crescia no submundo por causa de uma roupagem pop que decidiram dar ao tal para juntar um dinheiro a mais.

O jovem, depois de adulto e senhor, canalizou sua raiva psicopata numa ameaça direta disfarçada de liberdade de expressão: quer aniquilação.

Certo dia, cansado de gritar ao mundo suas obliterações e ser encarado mais como chacota que como ameaça, sentenciou: vou construir uma bomba e aniquilar a todos que se virarem contra mim!

Os risos foram combustível para o ódio do agora senhor, que não largava o quarto de adolescente na casa suburbana dos pais, sem nunca ter produzido nada a não ser vergonha.

A notícia da bomba correu a cidade como rastilho de pólvora. E gerou muitos protestos. Diversas foram as denúncias à delegacia de polícia local. Os que conseguiam somar um mais um se esgoelavam, “gente, estamos avisando!”. Mas o delegado era conhecido da família, sabe como é... E tratava de botar panos quentes. “Fiquem tranquilos. O garoto é meio atrapalhado

atrapalhado. E ele nunca vai conseguir mesmo construir a tal bomba. Deixa ele pra lá.”

Mas as denúncias seguiam se amontoando, para muito além da delegacia local. No que as autoridades, inertes, quem quer fazer alguma coisa tendo tanta louça pra lavar?, depois de um tempo, limitavam-se a soltar vazias notas de repúdio e falsos “vamos apurar”.

Enquanto isso, embebido na maldade e na raiva que não tem possibilidade de controlar, o senhor de pele estourada e veias saltadas, gravava vídeos dentro do seu galpão, bandeira nacional pendurada com fita e cruz com um latim indecifrável. Aos que ousassem chegar perto dos fundos da residência, os fiéis seguidores, parceiros de frustrações pela vida tão mais ou menos, os afastavam com violência e entoavam loas ao direito de propriedade e diziam que o limítrofe era, pois, bem intencionado, que não proferia ameaças, apenas exercia enfaticamente a sua liberdade de expressão.

Mas nos vídeos estavam lá plugues elétricos, materiais explosivos, diagramas para construção de sua bomba. Ao seu lado, um instrutor, seria o filho do delegado?, explicava como montar a arma definitiva da destruição. Sua mãe, preocupada, os interrompe. “Filho, você não acha que está indo longe demais?”.

Ele, então, desvia o olhar por um brevíssimo segundo, e num diabólico olhar, testa franzida, e espuma no canto da boca, retruca, a quem o pariu. “E daí? Você vai se virar contra mim também? Sabia.”

*Artigo publicado no Correio da Bahia
em 04 de maio de 2020.*



REFERÊNCIAS

Adolf Hitler
Aldir Blanc
Alan Marques
Alberto Goldman
Alexandre Vidal
Anderson Riedel
Andres Sanchez
Angela Davis
Augusto Aras
Benito Mussolini
Barack Obama
Charles Monnet
Ciro Gomes
Colin Kaepernick
Danilo Verpa
Dias Toffoli
Diego Souza
Donald Trump
Eduardo Jorge
Gen. Eduardo Pazuello
Edvard Munch
Eric Reid
Fernando Collor
Fernando Haddad
Fernando Guimarães
Fidel Castro
Flávio Dino
François Gerárd
George Floyd
George Soros
Gianna Floyd
Gilson Teixeira
Hugo Chavez
Isidore-Stanislas Helman
Jacques-Louis David
Jorge Luiz Domingos
José Saramago
Pe. Julio Lancelotti
Juan Cazares
Karl Marx
Karl Popper
Kevin Beltrán Espada
Leo Cabral
Luis XVI
Luis XVIII
Luiz Henrique Mandetta
Lula
Mao Tsé-Tung
Marcelo Medeiros
Marcos de Paula
Maria Antonieta
Mauro Pimentel
Michael Zagaris
Napoleão Bonaparte
Nelson Almeida
Nelson Rodrigues
Nelson Teich
Noam Chomsky
Pam Santos
Patrick
Paul Delaroche
Peter Beinart
Rafinha
Rafael Braga
Rahel Petrasso
Dr. Rey
Richard Norman
Robert Lewandowski
Roberto Casimiro
Romildo Bolzan Jr
Sara Winter
Stephen Jackson
Steve Bannon
Ted Kaczynski
Thiago Ribeiro
Toni Pires
Victor Saavedra
Viktor Orban
Vladimir Putin
William Sadler

APOIE

VOCÊ APOIA VOZES INDEPENDENTES?

Tudo o que você lê, ouve e assiste aqui no Papo de Galo é essencialmente grátis. Mas boleto não liga pra isso. E eu preciso de sua ajuda.

Você pode contribuir de diversas maneiras. O mais rápido e simples: assinando a [NEWSLETTER](#). Isso abre a porta pra gente chegar diretamente até você. Tem mais. Você pode compartilhar esta revista com seus amigos, por exemplo. Você também pode seguir nas redes sociais, comentar, compartilhar, convidar outras pessoas. Assim, o que a gente faz ganha mais alcance, mais visibilidade.

Mas tem algo ainda mais poderoso. Se você gosta do que escrevo, você pode contribuir com qualquer quantia que puder e não vá lhe fazer falta no [APOIA.SE](#) e no [CATARSE](#). Estas doações ajudam construir um compromisso de permanecer produzindo, sem abrir mão da qualidade e da postura firme nos ideais. Com isso, você incentiva a mídia independente e se torna apoiador do pequeno produtor de informações. E eu agradeço imensamente.

APOIA.SE



catarse

PAPO DE GALO

Número 2
12/junho/2020

SER
NW.17

PRÉVIA
DA
SEMANA
QUE
VEM....

All we need is
LOVE

“PAPAI MUDOU O MUNDO”

Gianna Floyd

